

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

***DO FIFA GO HOME AO “FORA DILMA”:*
uma etnografia dos protestos de rua em Porto Alegre (2013-2015)**

ALEXIA OLIVEIRA BARBIERI

Porto Alegre

2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA**

***DO FIFA GO HOME AO “FORA DILMA”:*
uma etnografia dos protestos de rua em Porto Alegre (2013-2015)**

ALEXIA OLIVEIRA BARBIERI

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Porto Alegre

2015

ALEXIA OLIVEIRA BARBIERI

**DO FIFA GO HOME AO FORA DILMA:
uma etnografia dos protestos de rua em Porto Alegre (2013-2015)**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Dr. Arlei Sander Damo

Data de aprovação: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Dr. Arlei Sander Damo (orientador)

(UFRGS)

Dr. Felipe José Comunello

(PUCRS)

Dr. Marcelo Kunrath Silva

(UFRGS)

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas contribuíram para que esse trabalho pudesse ser realizado. Seja apoiando o trabalho em sí, seja através de palavras amigas, carinho e incentivo.

Aos meus familiares mãe, irmãos Jeziel e Felipe, Dinda Rosi, Leti e Laura. Obrigada pelo apoio!

Agradeço também à minha melhor amiga Maiara e às amigas de longa data, Carol, Jéssica e Jenni. Obrigada por estarem sempre comigo gurias!

Ao longo da graduação e iniciação científica tive a oportunidade e prazer de conhecer algumas pessoas e com elas poder compartilhar saberes e experiências. Agradeço aos meus colegas do grupo de Antropologia da econômica e da política (GAEP) pelas trocas ao longo desses três anos.

Ao meu orientador Arlei, pela orientação não só deste trabalho, mas ao longo da minha graduação. Agradeço pelos ensinamentos, estímulos e amizade.

Aos meus amigos e colegas do CPH, que irei levar para a vida. Agradeço à minha chefe e amiga Simone, ao Alejandro, ao Carlos e à Roberta.

Aos meus amigos e companheiros de graduação Wagner, Amanda Porto e Bruno. Agradeço pelo apoio e carinho!

Aos que me apoiaram não só com suas ideias e leituras do meu trabalho, mas também com palavras de incentivo e carinho. Agradeço à Tassi e à Simone.

Agradeço aos meus avós Maria Neuza e Luiz Barbieri, que apesar de não estarem mais comigo, acompanharam de perto todo o empenho em finalizar essa graduação. Devo tudo à vocês!

RESUMO

Esse trabalho se propõe a descrever os principais protestos ocorridos em Porto Alegre no período de 2013 a 2015 a partir de um horizonte antropológico. Com base em um longo trabalho de campo realizado no decorrer desses anos, objetiva-se identificar e comparar diferentes repertórios de ação coletiva, performances e narrativas de movimentos sociais e/ou políticos contemporâneos. Além de identificar a diversidade de atores coletivos, pautas, estratégias de ação e comunicação, procura-se estabelecer alguns nexos entre esses movimentos mesmo quando eles se apresentam como tendo ideologias e propósitos antagônicos.

Palavras-chave: ação coletiva, movimentos sociais, performance, política, Porto Alegre.

ABSTRACT

This work proposes a description of the main protests occurred in Porto Alegre in the period from 2013 to 2015 from an anthropological horizon. Based on a long fieldwork realized in those years, it aims to identify and to compare different repertoire of collective action, performances and narratives from social movements and/or political contemporary. Besides of identifying the diversity of collective actors, guidelines, action and communication strategies, it aims to establish some links between these movements even when they present themselves as having antagonistic ideologies and proposals.

Keywords: collective action, performance, politics, Porto Alegre, social movements.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Faixas expostas no evento Tribuna Popular + Largo Vivo.....	26
Figura 2: Faixa “Mulheres na Copa não têm o que comemorar” no evento Tribuna Popular + Largo Vivo	26
Figura 3: Manifestação dia 17 de junho em frente a Prefeitura Municipal	29
Figura 4 : Multidão marchando nas Avenida Júlio de Castilhos	33
Figura 5: Pluralidade de cartazes em frente a Prefeitura Municipal	34
Figura 6: Black blocs tomam a frente na marcha na Avenida Borges de Medeiros.....	35
Figura 7: Bandeira do Brasil colocada em frente à Prefeitura Municipal	40
Figura 8: “Não vai ter Copa, vai ter Tutti” Protesto contra o policiamento ostensivo durante a Copa e o fechamento do Bar Tutti Giorni	44
Figura 9: “FIFA GO HOME” manifestação de abertura da Copa no Brasil	47
Figura 10: FIFA Fan Fest jogo entre Holanda e Austrália	54
Figura 11: “FOFA Fan Protest” partida de futebol em protesto à elitização dos estádios	55
Figura 12 : “FIFA GO HOME” futebol popular no Fan Protest	55
Figura 13: Protesto Movimento Brasil Livre 15 de março.....	62
Figura 14: “FORA DILMA” Movimento Brasil Livre RS 15 de março.....	62
Figura 15: “O PT roubou o meu cartaz” na manifestação do dia 12 de abril.....	65
Figura 16: “A mentira tem perna curta, 9 dedos e língua presa” protesto 12 de abril.....	65
Figura 17: Caminhão de som com a “Banda Loka Liberal”	69

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. MOVIMENTOS SOCIAIS: UM BREVE PANORAMA	13
1.1 Ação coletiva: uma síntese das reformulações teórico-metodológicas	13
1.2 Movimentos sociais contemporâneos: inovação nas formas de mobilização e novas problemáticas	15
1.3 O cenário de contestação em Porto Alegre	18
1.4 <i>Repertório, performance</i> e novas <i>tecnologias de informação e comunicação</i> em movimentos sociais contemporâneos.....	20
2. JORNADAS DE JUNHO – UM HISTÓRICO DAS MANIFESTAÇÕES EM PORTO ALEGRE 2013.....	24
2.1 Por um transporte público de qualidade: o primeiro ato de 2013.....	24
2.2 <i>Vem pra luta contra o aumento e contra a lei geral da copa</i>	25
2.3 <i>17 de junho tod@s as ruas</i> : jornadas de junho 2013.....	28
2.4 <i>Porto Alegre vai parar</i> : novos atores entram nas manifestações.....	31
2.5 Black blocs – mais uma <i>performance</i> em meio a multidão.....	35
3. A COPA DO MUNDO EM PORTO ALEGRE – PROTESTOS EM 2014	39
3.1 A Copa do Mundo como pauta central.....	40
3.2 Não vai ter Copa, vai ter Tutti.....	43
3.3 <i>Copa pra Que(m)?</i> - começa a Copa do Mundo no Brasil.....	46
3.4 Continuar ou recuar? – o refluxo dos protestos em 2014.....	50
3.5 Da FIFA Fan Fest à <i>FOFA Fan Protest</i>	53
4. O MOVIMENTO BRASIL LIVRE EM PERSPECTIVA – MANIFESTAÇÕES DE 201559	
4.1 As dinâmicas no espaço urbano de Porto Alegre a partir das marchas do Movimento Brasil Livre RS	61
4.2 <i>Repertórios e performances</i> no MBL RS: criação ou imitação?.....	64
4.3 Quem são e o que dizem? - o perfil e as narrativas por trás da articulação do MBL em Porto Alegre.....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS:.....	72
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

INTRODUÇÃO

Nos últimos três anos, movimentos sociais passaram a ter maior visibilidade no Brasil e especialmente em Porto Alegre onde alcançaram grandes proporções, como repercussão na mídia e em estudos acadêmicos. Grupos mobilizados por temas como Transporte Público de qualidade, reivindicação de espaços públicos, contestação à Copa do Mundo no Brasil e ao Governo Federal, passaram a acionar em seus eventos diferentes tipos de *performances* públicas, alcançado assim amplas dimensões.

Por exemplo, em Porto Alegre, com as manifestações no final de 2012 e início de 2013 organizadas pelo Bloco de Lutas pelo Transporte Público¹, que posteriormente resultou nas *Jornadas de Junho*², onde uma multidão protestou nas ruas da capital. Outro exemplo é o crescimento de eventos político-culturais que costumam ser realizados na cidade, principalmente os que reivindicam a democratização do espaço público, como Defesa Pública da Alegria e o Largo Vivo, que acontecem no Largo Glênio Peres, localizado em Frente ao Mercado Público Municipal; a Serenata Iluminada, que acontece no Parque Farroupilha, mais conhecido como Redenção; e o Ocupa Cais Mauá. Por fim, o Movimento Brasil Livre RS (MBL) que ganhou visibilidade em 2015.

Uma das principais características dos grupos e suas mobilizações o objetivo de produzir efeitos a partir de elementos performáticos. Apresentações de dança, teatro, grupos musicais e intervenções de discursos, em sua grande maioria possuem elementos de contestação a diversos problemas e pautas defendidas pelo movimento. Essas *performances*, que de certa forma reforçam as pautas defendidas pelos movimentos, fazem com que esses eventos ganhem público e visibilidade, justamente por possuírem aspectos dinâmicos e criativos. As redes sociais também possuem um papel importante na organização desses eventos na medida em que é um meio onde são debatidos e criados esses tipos de ações, além de servir de meio de divulgação fazendo com que pessoas que não costumam participar de ações coletivas possam ter uma experiência de ativismo e militância.

O interesse nesse assunto de pesquisa é resultado de um trabalho que teve início junto ao projeto intitulado *Megaeventos Esportivos no Brasil – um olhar antropológico* que trata da mobilização da sociedade brasileira em torno dos megaeventos esportivos Copa do Mundo

¹ Chamado também pelos integrantes de Bloco.

² Os eventos de protesto que compreenderam os meses de junho e julho de 2013 receberam distintas nomenclaturas, entre elas: Jornadas de Junho, protestos de junho, manifestações de junho, entre outras. No presente trabalho será utilizado com mais recorrência *Jornadas de Junho*, por ser a denominação mais usual.

de 2014 e Olimpíadas de 2016. Um dos eixos do projeto versava sobre a contestação aos megaeventos e teve por objetivo identificar os discursos, atores envolvidos, os alvos dessa contestação entre outros. O foco maior nos movimentos contrários à Copa de 2014 possibilitou o contato com diferentes grupos e formas de contestação que fazem parte da cena contemporânea de movimentos sociais em Porto Alegre. A partir de suas formas de ação, que visam se diferenciar dos movimentos sociais tradicionais, identificaram-se elementos performáticos que davam visibilidade e causavam efeitos diversos ao movimento.

Os movimentos de contestação ligados às pautas do transporte público e aos megaeventos iniciaram sem grandes repercussões no final de 2012. Em 2013 se tornaram mais intensos e alcançaram grande visibilidade. Continuaram a ser organizados em 2014, mas com pouco apoio, acabando assim, por sofrer um refluxo. Finalmente em 2015, reaparecem outros movimentos, de natureza um tanto quanto distinta dos primeiros, mas cuja parte do público esteve presente no ponto mais intenso das *Jornadas de Junho*.

No decorrer dessa pesquisa, algumas implicações éticas e metodológicas precisaram ser consideradas. Com a investigação realizada durante 2013 e 2014, juntamente com grupos de contestação à Copa, mais especificamente nos eventos organizados pelo Bloco de Lutas em Porto Alegre, foi preciso distanciar e *estranhar o familiar* (VELHO, 1978). Sobre o processo de distanciamento Velho (1978) destaca que: “estranhar o familiar torna-se possível quando somos capazes de confrontar intelectualmente, e mesmo emocionalmente, diferentes versões e interpretações existentes a respeito de fato, situações” (p. 132).

Com posições político-ideológicas e visões de mundo mais próximas às minhas, o estudo realizado em 2013 e 2014 não apresentou problemas para inserção. Pelo contrário, geralmente acompanhava as marchas com uma série de amigos e conhecidos. Contudo ao tentar realizar a primeira participação no protesto do dia 15 de março houve a necessidade de inserção num ambiente não muito familiar, sendo um problema novo ao longo desta pesquisa. O estranhamento, principalmente ideológico-político e até mesmo de redes de sociabilidade, transformou-se em um “dilema” enfrentado ao longo da inserção. Sobre a entrada em campo Silva (2009) salienta que:

Logo, o trajeto no campo não decorre apenas dos móveis do etnógrafo. O campo é também um território demarcado, com limites que impõem múltiplos significados aos percursos trilhados ou possíveis e muitas fronteiras, zonas de transição, ambiguidade (p.177).

Sendo assim o pesquisador além de defrontar-se com o significado do nativo, também conseguirá compreender e descrever aquele contexto a partir de suas categorias. Com isso “é

capaz de apreender essa lógica e incorporá-la de acordo com os padrões de seu próprio aparato intelectual e até mesmo de seu sistema de valores e percepção” (MAGNANI, 2009, p.134).

Nesse sentido, uma das propostas é realizar o que Saada (2005) ressalta em seu trabalho com a feitiçaria no Bocage. A autora explora a dimensão do afeto, ou seja, do ser afetado, fazendo-a reconsiderar a própria noção do termo. Ela procura deixar bem claro que, “aceitar ‘participar’ e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido em que se entende esse termo” (SAADA, 2005).

Para a autora, o afeto consiste em intensidades específicas que se experimentam em determinado contexto, sendo essa a única maneira de aproximar o lugar dessas intensidades apreendidas. Com isso, o fato de aceitar ser afetado permite a abertura de uma comunicação diferenciada com o grupo que se estuda, sendo esta não intencional. O estudo apresentado em um dos capítulos a seguir é realizado com grupos que possuem perspectivas político e ideológicas distintas das do pesquisador, em muitos dos casos são percebidas fragmentações discursivas sendo a comunicação e a compreensão desses discursos algo laborioso. Mas o que precisa ser evidenciado nesse trabalho, aos moldes de Saada, é que aceitar ser afetado não implica no consentimento ou identificação do ponto de vista dos atores investigados, mas “assumir o risco de ver seu projeto de conhecimento se desfazer” (SAADA, 2005, p.160).

A comunicação verbal e não verbal, tão frisada pela autora, mostra-se central na constituição de sua pesquisa, e isso aparece com mais força na medida em que ela é *afetada* pelos seus nativos. A partir de sua experiência de campo, a autora pode ter acesso às dinâmicas de comunicação verbal, involuntária e o surgimento de afetos sem alguma representação, todos esses aspectos importantes para a realização do seu trabalho.

O primeiro capítulo desse trabalho visa realizar uma revisão sobre os principais conceitos abordados ao longo do texto, como *performance*, *repertório* e novas *tecnologias de informação e comunicação*. Também procura contextualizar os principais grupos de contestação presentes em Porto Alegre, salientando suas dinâmicas e principais características. Alguns trabalhos realizados na sociologia e na antropologia buscam compreender as novas formas de contestação no Brasil e em outros países. Essa bibliografia será parcialmente recuperada, pois é fundamental para que se compreendam as inovações e relações ao longo da pesquisa, cuja etnografia foi centrada em Porto Alegre.

A intensificação das reivindicações relacionadas ao transporte público, dentre elas a melhoria e a qualificação do serviço e os elevados preços das passagens – que

compreenderam o período de junho a julho de 2013 no país – constitui o tema abordado no segundo capítulo. Com foco nos discursos e atores que compunham esse cenário, objetiva-se compreender como se desenharam os protestos em Porto Alegre. Realizando observação participante nos protestos organizados na cidade, assembleias e demais eventos político-culturais, assim como análise documental em jornais digitais e impressos, identificou-se a atuação de um grupo localizado em Porto Alegre, o Bloco de Lutas pelo Transporte Público. Porém, ao longo da pesquisa que se desenvolveu na medida em que os protestos aumentaram, a entrada de novos atores precisou ser considerada.

A cena de contestação que anteriormente era protagonizada pelo Bloco de Lutas, passou a ser modificada com a entrada de novos atores. Com o surgimento de variadas *performances* trazidas por esses novos sujeitos anti-partidários e conservadores, as manifestações passaram a ter um caráter multifacetado. Atores individuais e sem filiação partidária introduziram diversas pautas relacionadas a temáticas amplas como, investimento na educação, saúde e segurança. As manifestações de junho apresentaram alguns aspectos particulares com relação às dinâmicas de movimentos sociais. Portanto, o objetivo do segundo capítulo é procurar compreender quais as características dos atores que articularam e integraram as *Jornadas de Junho* que podem ser tomadas como reflexo dos novos movimentos sociais em Porto Alegre.

O ano em que foi realizada a Copa do Mundo do Brasil, 2014, também se tornou relevante na análise e se constitui o debate do terceiro capítulo. Acompanhando a movimentação de alguns grupos, especialmente o Bloco de Lutas, foi visualizado o que seria a tentativa de continuidade do que havia acontecido em 2013. Além disso, foi um ano em que os protestos não tiveram grande repercussão e adesão. Porém é preciso destacar os intensos protestos que aconteceram em Porto Alegre. Um dos objetivos do capítulo é apresentar como se deu a articulação de manifestações no ano em que aconteceu o megaevento, assim como, levantar algumas hipóteses que podem ter contribuído para a diferente aceitação, impacto e, por fim, o refluxo das manifestações.

O último capítulo versa sobre a movimentação de uma parcela de indivíduos que supostamente foi impulsionada pelos atos de 2013. Uma das pautas centrais dessa intensa articulação é a reprovação à administração do Partido dos Trabalhadores (PT), explicitada nas demandas pelo impeachment da presidente Dilma Rousseff, reeleita em 2014. No início de 2015, houve uma intensa mobilização nas redes sociais para um evento que aconteceria no dia 15 de março. Esse evento realizado em diversas capitais do Brasil, contou com milhares de

pessoas nas cidades mais populosas e cobertura completa por meios hegemônicos de comunicação, como a Rede Globo³.

Em Porto Alegre o encontro foi articulado pelo *Movimento Brasil Livre RS*, marcado no Parque Moinhos de Vento e contou com aproximadamente 8 mil pessoas. A partir da observação participante em dois protestos, eventos organizados por grupos que articulam as ações, entrevistas e conversas informais com participantes, o objetivo do último capítulo é pensar como esses atores se mobilizam e quais as narrativas presentes nessas ações. Identificar as *performances* acionadas por esses grupos e como são colocadas em prática permite pensar como as características presentes nesses eventos fazem com que pessoas, que nunca estiveram em manifestações ou que não possuíam histórico de militância, podem estar envolvidas na reivindicação das “causas” abarcadas pelo grupo.

³ Uma das principais emissoras de televisão no país.

1. MOVIMENTOS SOCIAIS: UM BREVE PANORAMA

A população brasileira vem testemunhando, nos últimos três anos, uma série de contestações que foram impulsionadas por diferentes fatores, entre eles o aumento do valor da passagem do transporte público, os gastos com megaeventos esportivos, como a Copa do Mundo de 2014 e os jogos Olímpicos de 2016, e casos de corrupção envolvendo empresas estatais como a Petrobrás. Manifestações sociais de distintas formas, composições e reivindicações têm ganhado espaço na cena política e urbana no país. Um dos objetivos do capítulo a seguir é apresentar peculiaridades desses eventos a partir da breve contextualização de debates clássicos e contemporâneos sobre movimentos sociais. Com foco na cidade de Porto Alegre um dos objetivos é chamar atenção para as modificações que tiveram as ações coletivas contemporâneas, principalmente no período entre 2005 e 2015, salientando assim, a presença de uma diversidade de elementos e movimentos sociais.

1.1 Ação coletiva: uma síntese das reformulações teórico-metodológicas

As formas particulares de expressão dos movimentos sociais podem variar de acordo com o tempo e o espaço em que são propagadas. Mas elas também podem ser muitas vezes compartilhadas em tempos e espaços distintos. Sobre essas mudanças, Charles Tilly (2010), ressalta que “há formas peculiares reconhecíveis pelos públicos locais”, o que chama de VUNC (valor, unidade, números e comprometimento).

A partir do século XX algumas modificações estruturais nas ações coletivas passaram a acontecer. Segundo Alonso (2009), entre as principais transformações estão: a profissionalização das organizações civis em que ativistas tornaram-se figuras políticas; a abrangência das mobilizações, que passaram de uma escala local para global; e o aumento do uso da violência como tática de ação. Além disso, aspectos como classe não são mais foco das reivindicações, mas sim gênero, etnia e estilo de vida. Esses movimentos caracterizados como de ruptura, são compostos por jovens, estudantes, profissionais liberais, mulheres, geralmente oriundos da classe média. Estas transformações contribuíram para que sociólogos da temática de ações coletivas passassem a revisar suas interpretações. Mudanças econômicas, políticas e culturais marcavam as primeiras décadas dos anos 1960. A eclosão da juventude, sobretudo nos EUA, com movimentos contra culturais em prol da liberdade e do pacifismo, contribuíram significativamente para solidificá-las.

Três teorias de explicação foram criadas nos anos 1970 com base nas transformações que se apresentavam. Entre elas, a profissionalização de ativistas, mudanças nas mobilizações,

globalização dos movimentos e etc. Alonso (2009) destaca *A Teoria da Mobilização de Recursos (TMR)*, a *Teoria do Processo Político (TPP)* e a *Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS)*. As últimas duas emergiram a partir do desgaste dos debates marxistas sobre a possibilidade da revolução e para contrapor explicações deterministas e economicistas da ação coletiva, combinando assim, “política e cultura na explicação dos movimentos sociais” (p.54).

A *Teoria dos Novos Movimentos Sociais (TNMS)* possui certas especificidades destacadas, entre elas a de que fornece uma interpretação cultural para os movimentos sociais. Segundo os teóricos dessa linha, entre eles Alain Touraine, Jürgen Habermas e Alberto Melucci, inúmeras características acentuam as novas mobilizações, entre elas a de que os atores passam a ser definidos por formas de vida, e pelo combate, que não estaria mais voltado contra o Estado, e sim para uma pressão na sociedade civil. A configuração das ações também se modifica. Partilhando certos traços, os novos movimentos sociais estariam mais para grupos e minorias adotando a ação direta, organizando-se horizontalmente em prol de demandas simbólicas com objetivo de reconhecimento de identidades e estilos de vida visando mudanças culturais (ALONSO, 2009).

Já no Brasil, a literatura atual sobre movimentos sociais apresenta-se escassa quando comparada com a produzida há três décadas. No entanto, atualmente, como destaca Silva (2010), algumas mudanças vêm acontecendo nas perspectivas sobre movimentos sociais no país. Outros modelos analíticos e metodológicos estão sendo desenvolvidos pelos estudiosos no Brasil, principalmente em consonância com os estudos da *contentious politics* e os conceitos usados pelos teóricos dessa linha. Segundo o autor, o elemento distintivo dessa abordagem consiste em desenvolver uma epistemologia que visa à construção de modelos explicativos (p.4). A partir desse deslocamento novas abordagens começam a ganhar espaço nos estudos brasileiros, principalmente impulsionadas pelas mudanças que estavam acontecendo nos movimentos sociais no Brasil, entre elas a mudança nos processos de articulação e de contestação. Entre as abordagens estão aquelas embasadas nos debates da *contentious politics*, sendo uma das mais utilizadas nos recentes estudos brasileiros. Dessa linha evidenciam-se conceitos muito utilizados, são eles *Estrutura de Oportunidades Políticas*, *Repertórios de Ação* e *Ciclo de Protestos*. A *contentious politics* como ressalta Silva (2010) se apresenta como um prisma de ruptura, renunciando abordagens dicotômicas que estão presentes em muitos estudos brasileiros, priorizando a apreensão e a interpretação das ações de contestação.

Essa síntese panorâmica sugere que, nas últimas décadas do século XX, foram se configurando e remodelando teorias sobre os movimentos sociais derivadas de rearranjos sociais, culturais e políticos. As diferenças que se apresentam nas teorias de ações coletivas e como essas se estabelecem principalmente no final do século XX são de considerável importância para compreender o processo, formação e peculiaridades de novos movimentos sociais em determinados contextos, como nos EUA, Europa e América. Dando continuidade ao processo, o século XXI apresentou e vem apresentando mudanças e reconfigurações com relação à ação coletiva de sujeitos. O tópico seguinte visa abordar alguns estudos e análises que buscam pensar os movimentos sociais surgidos e articulados nos anos 2000, bem como suas dinâmicas.

1.2 Movimentos sociais contemporâneos: inovação nas formas de mobilização e novas problemáticas

Novas questões impulsionadas pelas transformações nas ações coletivas passaram a surgir com a virada do século XX. Com isso, algumas teorias tiveram que ser remodeladas, a fim de que, dessem conta da dimensão simbólica e global que se apresentavam as dinâmicas contemporâneas. A partir da abordagem dos principais debates e questionamentos no campo de movimentos sociais, fruto de mudanças que vêm acontecendo desde o início dos anos 2000, o foco deste tópico está nas dinâmicas de movimentos contemporâneos que vêm acontecendo na cidade de Porto Alegre nos últimos três anos.

No decorrer dos anos 2000 diferentes movimentos passaram a ser consolidados e orquestrados. A crise econômica e social que teve seu ápice em 2008 proporcionou no ano de 2011, o crescimento de movimentos sociais numa escala global. Em diversos lugares do mundo eclodiram ações coletivas nas suas mais diversas formas, mas que também compartilhavam certos aspectos referentes às dinâmicas das ações. As reivindicações se iniciaram no norte da África, quando um feirante na Tunísia resolveu atear fogo no próprio corpo como forma de protesto e com objetivo de derrubar as ditaduras, as ações se estenderam para o Egito, Iêmem e Líbia. Movimentos de protesto também se alastraram pela Europa, países como Espanha e Londres enfrentaram greves e revoltas. A América Latina com os estudantes chilenos e as ocupações nos EUA, também fizeram parte do circuito de protestos. Castells (2013) acentua que os movimentos ocorridos em 2011 possuem particularidades quando contrastados com os antigos movimentos sociais. O autor considera que os acontecimentos de 2011 são “conectados em rede de múltiplas formas” tornando-se

“multimodal”. Além das redes constituídas dentro do próprio movimento, que caracteriza como *online* e *offline*, há também as formadas com movimentos em outros países que resultam em mudanças no formato das mobilizações e grupos (CASTELLS, 2013).

Carneiro (2012) ressalta que as formas de ação adotadas em todos os países, em 2011, foram sobretudo as mesmas. Entre elas ocupações de espaços, principalmente praças; uso de redes de comunicação, como a internet; e configurações políticas que repudiavam o espaço institucional tradicional. A *Primavera Árabe*, os *indignados anticapitalistas europeus*, o *movimento estudantil chileno* e a *ocupação de Wall Street*, alguns dos nomes atribuídos aos movimentos, foram especialmente protagonizados por jovens e colocaram em evidência a utilização das redes sociais na internet para a articulação e divulgação de suas pautas e reivindicações.

Sobre a adoção de novas formas de organização e o papel da internet, Alves (2012) destaca que em todos os movimentos apontados acima o Facebook e o Twitter foram ferramentas muito importantes, adotando uma nomenclatura muito curiosa para esse fenômeno, *globalização “dos de baixo”*, em contraponto ao que seria a *globalização “dos de cima”*. Quando ressalta algumas das características do movimento de 2011, Alves afirma que, “utilizam redes sociais, como Facebook e Twitter, ampliando a área de intervenção territorial e a mobilização social. Produzem sinergias sociais em rede, tecendo estratégias de luta territorial num cenário de crise social ampliada” (2012, p.33).

Além disso, a criatividade e inovação na divulgação das reivindicações e objetivos dos movimentos torna-se outro aspecto característico ressaltado pelo autor. Como o exemplo da ação de manifestantes durante as ocupações na Wall Street, participantes vestiram-se de zumbis corporativos para fazer uma crítica aos modelos burgueses do corporativismo. Outro acontecimento usado pelo autor derivou da proibição do uso de megafone nas intervenções, a utilização do “microfone humano”, para que os participantes que se encontravam próximos aos oradores repetissem em coro as orientações, para que fossem ouvidas à distância. Castells (2013) atenta também para a criatividade político-artística presente nas manifestações de 2011 em que algumas ferramentas como design gráfico, imagens de avatares, montagem de fotos e vídeos, foram usadas como suporte pelos movimentos. Ressalta assim, o poder da criatividade expressada nas imagens que “produziram um ambiente virtual de arte e significado no qual os ativistas do movimento podiam confiar para se conectar com a população jovem em geral, transformando assim a cultura em instrumento de mudança política” (p.76).

Transportando o debate para o contexto brasileiro, o ano de 2011 também contou com ações importantes no país, principalmente em São Paulo, a exemplo da Marcha da Maconha⁴. Contudo, no Brasil, alguns anos antes, no começo dos anos 2000, foram realizados dois movimentos que alcançaram grande proporção nacional. A *Revolta do Buzu* (2003), ocorrida em Salvador, e posteriormente a *Revolta da Catraca* (2004 e 2005), em Florianópolis. Ambos foram episódios relevantes para a construção de novos movimentos no Brasil, como por exemplo, o Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, surgido em 2005. Segundo Dowbor e Szwako (2013), apesar do MPL ter se originado a partir do Fórum Social Mundial de 2005, ele possui referências de organização e articulação embasadas nos movimentos ocorridos em Salvador e em Florianópolis.

Dowbor e Szwako (2013) mostram que concomitantemente à ida às ruas pelos estudantes em Salvador havia “um fórum formado por grêmios estudantis das principais escolas” que visava ressaltar o protagonismo de jovens estudantes que se opunham às *lideranças antigas*, ou seja, algumas entidades e partidos. Assim, com a notícia de que a tarifa do transporte público em Salvador aumentaria, os estudantes foram às ruas da cidade, começando pela periferia e depois se estendendo para outros pontos do município. Algumas características sobre a forma de organização surgiram em contraponto aos movimentos tradicionais. Rejeitava-se a ideia de haver lideranças, bem como o protagonismo de partidos e outras entidades formais vinculadas à política estatal. Os estudantes passaram a falar em *horizontalidade, autonomia e apartidarismo* adotando essas formas para seus contextos de atuação.

O episódio de Salvador foi evocado pelos estudantes em Florianópolis no ano seguinte⁵, adotando as mesmas dinâmicas e formas de organização. Em seguida surge o Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo que reivindica os mesmo pressupostos. E assim, outros movimentos em cidades do Brasil, como em Porto Alegre, vêm adotando e se utilizando das formas de organização e ação colocadas em práticas na Bahia e Florianópolis.

⁴ No dia 21/05/2011 aproximadamente mil manifestantes participaram da Marcha da Maconha que visava à visibilidade do debate sobre a legalização e regulamentação da produção e venda da substância no país. Apesar da proibição da marcha por parte da justiça e no dia pelo forte aparato policial, os manifestantes conseguiram percorrer uma das principais avenidas de São Paulo, a Avenida Paulista. Os Policiais Militares e os manifestantes por vezes entraram em confronto. Disponível em: <http://oglobo.globo.com/brasil/marcha-da-maconha-acaba-em-conflito-com-policia-militar-2789220> Acessado em 20/12/2013.

⁵ Para maiores informações ver: www.midiaindependente.org/media/2004/07/286544.doc. O texto escrito no link informado cujo nome é *A guerra da tarifa*, foi escrito por um veículo de informação independente e trata das relações e peculiaridades nos dois movimentos ocorridos em Salvador e Florianópolis.

1.3 O cenário de contestação em Porto Alegre

A cidade de Porto Alegre tem apresentado nos últimos anos, um cenário de contestação protagonizado por diversos atores, grupos e reivindicações. O objetivo desse tópico é apresentar alguns desses grupos, bem como suas configurações e dinâmicas. Todos os grupos denotados possuem influências significativas, direta ou indiretamente, para os acontecimentos abordados ao longo dos próximos capítulos, principalmente com relação a configuração, sobretudo baseada na ideia de horizontalidade, além da relação com o espaço público e de *repertórios* e *performances*.

O Massa Crítica, originado em São Francisco (EUA), mas que teve sua primeira realização em Porto Alegre no ano de 2010 é um evento que celebra o uso da bicicleta como meio de transporte e costuma acontecer na última sexta-feira de cada mês. O evento consiste na reunião de pessoas com suas bicicletas que em determinado momento saem pedalando pelas ruas protestando contra a cultura do automóvel e tecendo críticas ao problema de mobilidade muito presente em grandes centros urbanos⁶.

Uma das características desse movimento ressaltadas por Signoretti (2011) é a ausência de hierarquia e a preferência por uma configuração horizontal. Esse arranjo se apresenta na medida em que os participantes buscam se diferenciar dos movimentos sociais tradicionais, entre as mais notáveis diferenças está a ausência de uma liderança e de porta-vozes (SIGNORETTI, 2011). Além disso, o grupo também reivindica o uso de espaços públicos na cidade de Porto Alegre, participando de outros movimentos criados antes e depois do Massa Crítica.

Na mesma linha do Massa Crítica, surge o Coletivo em Defesa Pública da Alegria⁷, que visa promover eventos político-culturais para questionar o uso dos espaços públicos e a privatização de áreas na cidade de Porto Alegre. As ações de protesto promovidas pelo coletivo tiveram maiores proporções e visibilidade após um acontecimento no segundo semestre de 2012. O evento ocorreu em 04/10/2012 e questionava a restrição de determinadas atividades culturais e a colocação do balão inflável do Fuleco, o tatu-bola mascote da Copa do Mundo no Largo Glênio Peres.

⁶ Ver também Dalpian (2013).

⁷ Sobre o Coletivo ver Silva (2013).

Nesse dia, na efervescência do momento, algumas pessoas se aproximaram da mascote e acabaram derrubando o boneco inflável. A repressão da Brigada Militar (BM) a essa manifestação deixou muitos participantes feridos, aproximadamente 30 pessoas, segundo informação da BM. A derrubada do boneco e a agressão que esta ação simbolizava, para os manifestantes, determinava o início de uma intensa luta de contestação à democratização dos espaços públicos, além disso, desencadeou um debate sobre a desmilitarização policial, sobre a contestação aos megaeventos e a respeito do futuro que teriam os protestos na capital.

Impulsionados pelos acontecimentos com o Fuleco, o aumento da tarifa do transporte público, sempre realizado no início de ano e os impactos causados pelas obras da Copa do Mundo que já se tornavam visíveis, o ano de 2013 começava com uma intensa mobilização política e social em Porto Alegre. Principalmente com a formação de um grupo responsável por organizar e articular demandas, o Bloco de Lutas Pelo Transporte Público. Formando em 2012, o grupo de composição heterogênea, integrado por diferentes coletivos, partidos e frentes autônomas que objetivavam a horizontalidade e a não representatividade, passou a se articular com outros atores como o Comitê Popular da Copa Porto Alegre⁸. O Bloco de Lutas já vinha promovendo atos contra o aumento da passagem desde o começo de 2012, marcados por confrontos entre estudantes e policiais. Porém, é no ano seguinte que o grupo passa a ter maior articulação e a realizar atos com frequência e com altos números de participação⁹.

Muhale (2014) destaca a centralidade e importância do acontecimento com o boneco inflável em 2012 no evento organizado pelo Coletivo em Defesa Pública da Alegria para a organização do que seria um movimento maior. Segundo Muhale:

Grupos que se assumiam como tendo uma orientação de esquerda agregaram-se e formaram uma Frente única com vista a fazer atos maiores e mais expressivos, articulados inicialmente em torno da luta contra o aumento da passagem do ônibus” (2014, p.32).

O Bloco também se reivindicava autônomo, horizontal e sem representantes, aderindo como tática de confronto e estratégia a ação direta. Teve centralidade na organização de diversos atos e ações na cidade de Porto Alegre entre 2012, 2013 e 2014. Além da intensa contestação ao aumento da tarifa e à demanda por um Transporte Público de qualidade, o

⁸ O Comitê Popular da Copa (CPC) será apresentado neste subcapítulo.

⁹ Não há dados precisos com relação ao número de participantes nas marchas. A contagem realizada pela Brigada Militar, na sua maioria era inferior aos números levantados pelos participantes e integrantes do Bloco. A manifestação do dia 1º de abril, uma das mais emblemáticas antes da eclosão das manifestações em junho, chegou à contagem de 3,5 mil participantes, segundo a Brigada Militar.

coletivo teve significativa importância na contestação aos megaeventos esportivos que estavam para acontecer no Brasil.

O Comitê Popular da Copa, outro ator importante no cenário de contestação à Copa no Brasil, foi criado para discutir e analisar os impactos que o megaevento teria para a população brasileira. Presente nas 12 cidades-sede, os comitês eram compostos basicamente por movimentos sociais e populares, moradores atingidos pelas obras da Copa, organizações e entidades autônomas. Em Porto Alegre, como destacado por Araújo (2011),

o Comitê que integra essa rede nacional foi formado a partir da articulação de organizações – entre elas o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Ponto de Cultura Quilombo do Sopapo, a ONG Amigos da Terra Brasil e o Levante Popular da Juventude (p.52).

Em Porto Alegre, assim como em outras cidades do país, o Comitê Popular da Copa buscou alianças com outros movimentos. No caso da capital, a frente composta junto com o Bloco de Lutas foi fundamental para a divulgação e propagação das ações e pautas promovidas pelo Comitê¹⁰. O protagonismo desses dois atores e suas pautas torna-se importante para pensar o arranjo das manifestações que serão abordados no capítulo seguinte. Porém ainda é preciso dar atenção à três conceitos-chave para a análise que farei ao longo deste trabalho. Os conceitos de *repertório*, *performance* e *novas tecnologias de informação e comunicação* serão apresentados a seguir.

1.4 *Repertório, performance* e *novas tecnologias de informação e comunicação* em movimentos sociais contemporâneos

O conceito de *repertório de ação* desenvolvido por Chales Tilly surge com a necessidade de se incorporar a perspectiva cultural nas interpretações sobre movimentos sociais. O autor empresta o termo da música e do teatro alargando-o para a análise de contestações políticas e sociais, possibilitando assim, a entrada da dimensão cultural na teoria de Tilly. Segundo Alonso (2012), que apresenta a trajetória do conceito, assim como as diferentes formas em que se expressa e como são colocados em prática, destaca que,

Tilly emprestou, então, da música a noção de *repertório* para designar o pequeno leque de maneiras de fazer política num dado período histórico. O conceito ressaltava a temporalidade lenta das estruturas culturais, mas dava espaço aos agentes, pois a lógica volátil das conjunturas políticas os obrigaria a escolhas

¹⁰ Ver Mesomo (2014).

contínuas, conforme oportunidades e ameaças cambiantes – em contextos democráticos, passeatas são mais seguras que guerrilhas; em contextos repressivos, pode bem ser o contrário. (ALONSO, 2013, p.22)

O primeiro registro de debate sobre o conceito aparece em torno dos anos 1970 com a ideia de *repertórios de ações coletivas* que passa por lentas mudanças derivadas de transformações sociais. Tilly passa a entender os repertórios como “aglomerado de instrumentos para realização de interesses, sem significado em si mesmo” (ALONSO, 2012, p.24), enfatizando a centralidade das práticas e símbolos que compõem essa justaposição.

Tilly também aponta para as inovações que ocorrem nos repertórios com o passar dos anos e das ações. Para ele ao longo do tempo ocorrem inovações que são “emprestadas” por outros atores em outros contextos. Em dado momento de suas pesquisas Charles Tilly desenvolve uma nova abordagem que relaciona a ideia de *performance* com a de repertório.

Com isso, o autor levanta uma discussão sobre a dimensão criativa que pressupõe esses repertórios e *performances*, fazendo com que cada uma delas se torne singular. Para ele, os atores podem modificá-la “segundo o contexto de sentido daquele grupo, naquela sociedade” (ALONSO, 2012, p.32). Assim, o conceito de repertório tornou-se abrangente adquirindo novos usos, possibilitando a discussão e pesquisas sobre *performances*, os usos destas pelos atores e as interações que transformam os repertórios.

Sobre o conceito de *performance* e suas abordagens, Mariza Peirano (2002) o contextualiza, a partir dos trabalhos de Stanley Tambiah (1997), um antropólogo do Sri Lanka especializado em estudos na Tailândia e no seu país de origem. Ao estudar conflitos etnonacionalistas e a violência coletiva no sul da Ásia, Tambiah procura dar atenção aos sentidos das características performáticas dos eventos cotidianos e dos rituais, criando uma teoria performativa do ritual. Um dos pontos abordados pelo autor trata do sentido dessas *performances*. Para ele, o ritual deveria ter uma definição mais flexível, assim a relação entre ritos e eventos também se torna flexível na medida em que surgem nos contextos etnográficos (PEIRANO, 2002, p26). O uso do conceito de *performance* para interpretar eventos, levantado pelos dois autores, adquirem significativa importância no contexto dos *repertórios*. Segundo Tambiah (1997), elementos performáticos como modulações de voz, gestos, movimentos cinéticos buscam obter efeitos com o objetivo de adquirir legitimação e aceitação pública.

A lógica performática do processo de mobilização de movimentos contemporâneos, como o Movimento Passe Livre (MPL) e o Comitê Popular da Copa (CPC) em São Paulo que antecederam os protestos de 2013, é abordada pelos cientistas políticos Monika Dowbor e

José Szwako (2013). Os autores mostram como as metáforas dramatúrgicas e elementos teatrais aparecem nas ações de ambos os grupos e como elas podem ter sido reaproveitadas e inovadas a partir de outros movimentos como a *Revolta do Buzu* (2003) em Salvador e a *Revolta da Catraca* (2004 e 2005) em Florianópolis. Buscando analisar o que irão chamar de *bastidores* das *Jornadas de Junho*, ou seja, as mobilizações que antecederam o acontecimento, os autores relacionam *performances* comuns presentes nos movimentos elucidados.

No caso dos movimentos contemporâneos em Porto Alegre e o uso das *performances*, tanto individuais quanto coletivas, acionadas, sobretudo pelo Bloco de Lutas, Muhale (2014) ressalta que:

Os disfarces, a paródia teatral, o colorido, o carnavalesco recriado, a possibilidade de personalizar a militância aliada à heterogeneidade de motivações, ideologias, trajetórias são aspectos que estavam presentes na performance individual de cada manifestante [...] (p.62).

Além do mais, a ideia de *radicalizar a ação* (MUHALE, 2014) por parte dos grupos envolvidos, traz a inovação nos *repertórios* de ação, bem como a criatividade e uma personalidade para o movimento. Entre as ações estão, ocupações de espaços, quebra de determinados estabelecimentos como bancos e empresas estatais, pichações em muros e paredes entre outros.

Além dos dois conceitos abordados acima a ideia de novas *Tecnologias de Informação e Comunicação* também ganha importância no contexto das novas manifestações. A importância que as *redes sociais* tiveram na organização e divulgação das manifestações é evidenciada por Silva (2014) que mostra como se deu a relação entre as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) e os processos de mobilização em 2013. O autor destaca este como sendo um dos aspectos que diferencia as manifestações de 2013 das ações contestatórias consideradas tradicionais. Quando menciona a diversidade dos eventos que desafiaram interpretações, salienta que a utilização das TICs pode apontar para uma mudança nos processos de mobilização social em 2013 que parecem estar relacionada à difusão e utilização dessas ferramentas.

Segundo Silva (2014), a ideia de *ação conectiva* originalmente desenvolvida por Bennett e Segerberg, se apresenta como uma nova e crescente mudança que assinala os processos de ação coletiva.

A ação conectiva se caracterizaria por um deslocamento da centralidade das organizações sociais no processo de estruturação das mobilizações, as quais

passariam a ser fortemente dependentes das ações de indivíduos inseridos em redes sociais mediadas pelas TICs (2014, p.15).

Os conceitos expostos nesse trecho, bem como suas dinâmicas e apresentações em diferentes eventos, reforçam a quantidade de inovações que os movimentos tiveram nos últimos três anos, sobretudo no Brasil e especialmente no caso aqui tratado, em Porto Alegre. Essa tríade de conceitos - *repertório, performance e tecnologias de informação e comunicação* - auxilia na reflexão sobre as mudanças e sentidos que as práticas e inovações têm acarretado nos movimentos sociais. Reforçando o que será exposto em seguida, elas ainda se perpetuam para ações que aconteceram em 2015, anos após as manifestações fruto dessas análises. As abordagens e conceitos trazidos ao longo do primeiro capítulo, bem como suas dinâmicas em diferentes acontecimentos de protesto e contestação, serão retomados nos eventos apresentados no decorrer deste trabalho.

2. JORNADAS DE JUNHO – UM HISTÓRICO DAS MANIFESTAÇÕES EM PORTO ALEGRE 2013

No Brasil, a intensificação das reivindicações relacionadas ao transporte público, que compreenderam o período de junho e julho de 2013, ocasionou mudanças significativas no cenário político, entre elas a mobilização de milhares de pessoas nas ruas e o questionamento da representatividade política. A ânsia por produzir uma interpretação acerca de um movimento atípico e de significativa amplitude na sociedade brasileira fez com que uma série de artigos, notícias e análises fossem propagadas em jornais, televisão e internet.

Ao longo desse capítulo farei uma exposição sobre como as manifestações de junho de 2013 se configuraram em Porto Alegre, fazendo um breve histórico que compreenderá o período de janeiro de 2013 até as *Jornadas de Junho* propriamente ditas. Como já mencionado anteriormente, muitas análises foram feitas sobre esse fenômeno, em detrimento disso, irei trazer também ao longo do capítulo algumas perspectivas que considero pertinentes e que se sobressaem em meio à efervescência de justificativas, narrativas e olhares para os eventos de 2013¹¹. Busco destacar e compreender quais as peculiaridades que podem ser consideradas para pensar as Jornadas de Junho em Porto Alegre e suas conexões como os novos movimentos sociais na capital.

2.1 Por um transporte público de qualidade: o primeiro ato de 2013

O primeiro ato de 2013 promovido pelo Bloco de Lutas aconteceu no final de janeiro e contava com aproximadamente mil confirmados em evento criado no Facebook¹². Nenhuma espécie de movimento para ajuste de tarifa havia sido feita por parte das empresas, mas como costumavam ser realizados no início do ano, o grupo se antecipou garantindo articulação para que o aumento não acontecesse. A partir desse momento, a organização de atos tornou-se frequente, sendo realizados pelos menos uma vez na semana¹³.

O evento marcado para início de abril tornou-se central nas conquistas do movimento. No ato do dia 4 de abril, a notícia de que o aumento havia sido derrubado começava a circular entre os participantes. O pedido de suspensão do aumento das passagens feito pelos

¹¹ Sobre o histórico das manifestações no Brasil que compreenderam o período de 2003 até 2013 ver Cronologia Parcial in: #protestos: análises das ciências sociais (2014).

¹² A organização de eventos pelo Facebook tornou-se uma forma fácil de acesso e divulgação para os coletivos que organizam ações de contestação.

¹³ Sobre as primeiras mobilizações de 2013 ver Muhale (2014).

vereadores do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) à Vara da Fazenda Pública de Porto Alegre alcançou o efeito desejado. Essa vitória teve muitas repercussões, na própria cidade, impulsionando o movimento a continuar; e em âmbito nacional servindo de modelo para outros grupos que até lembravam Porto Alegre em cartazes. Uma reportagem divulgada na versão online do jornal Zero Hora¹⁴ estampou a reprodução de faixas com frases do tipo *vamos repetir Porto Alegre*, carregadas ao longo das marchas em São Paulo¹⁵.

Os atos seguiram acontecendo, mas sem muitas repercussões. O evento referenciado e analisado a seguir foi realizado três dias antes da eclosão dos protestos em Porto Alegre, esse não é somente um dos fatores pelos quais é considerado importante nesse panorama. Ele aponta dinâmicas que permitem pensar a relação dos novos movimentos sociais em Porto Alegre, justamente por ser um acontecimento arranjado pelo Bloco de Lutas, Comitê Popular da Copa Porto Alegre e pelo Coletivo em Defesa Pública da Alegria.

2.2 Vem pra luta contra o aumento e contra a lei geral da copa¹⁶

***CONTRA O AUMENTO, CONTRA A REPRESSÃO, CONTRA OS
DESPEJOS PROMOVIDOS PELAS OBRAS DA COPA!
PELA RETOMADA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS!¹⁷***

O evento organizado para o dia 14 de junho de 2013, semana anterior à eclosão das manifestações de junho, apresenta aspectos significativos com relação à contestação aos megaeventos e ao aumento da passagem na capital. O primeiro deles é de que este antecedeu, com diferença de três dias, a entrada dos diversos atores que compuseram a multidão nos protestos em Porto Alegre. Outro aspecto importante foi a combinação de dois eventos no mesmo local. Um organizado pelo Bloco de Lutas e pelo Comitê Popular da Copa Porto Alegre e outro pelo Coletivo em Defesa Pública da Alegria.

¹⁴ Um dos meios de comunicação impressos mais usados no Rio Grande do Sul.

¹⁵ Notícia divulgada em <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2013/06/porto-alegre-inspira-outras-capitais-em-protestos-contr-aumento-das-passagens-de-onibus-4163129.html>. (acessado em 12/06/2014).

¹⁶ Chamada para o evento organizado pelo Bloco de Lutas.

¹⁷ Evento organizado pelo Bloco de Lutas disponível em <http://www.facebook.com/events/169338926575489/> (acessado 27/06/2013).



Figura 1: Faixas expostas no evento Tribuna Popular + Largo Vivo
(Foto: acervo pessoal)



Figura 2: Faixa “Mulheres na Copa não têm o que comemorar” no evento Tribuna Popular + Largo Vivo (Foto: acervo pessoal)

Marcado para as 18 horas, o evento realizado no Largo Glênio Peres ganhava forma com a chegada dos participantes e coletivos responsáveis pela ação. Ao longo do Largo eram dispostos faixas e cartazes com as mais diversas frases de contestação. *As mulheres na copa não têm o que comemorar casa na cidade sem terra para plantar; máquinas nas ruas e as nossas casas onde estão?*; e a legenda que marcaria as ações de junho *Copa pra que(m)?*. A estrutura de som, que durante a noite, deu lugar para *performances* musicais e *performances* discursivas, começava a ser montada. Percorrendo o espaço era possível identificar diversas atividades e intervenções acontecendo no local que durante o dia funcionava como repositório de carros.

Performances teatrais do Cambada Teatro em Ação Direta Levanta Favela que encenou a peça *Futebol, nossa paixão*, sobre a mobilização da sociedade brasileira para a Copa e os problemas que isso desencadeou. Exposição de fotos, desenhos, poesia, apresentação de malabares, pessoas tocando instrumentos, também agregavam a grande multidão que se formava em frente ao Mercado Público Municipal. Os eventos se integravam na medida em que as *performances* iam acontecendo. Com a chegada das bandas responsáveis pela apresentação, uma grande roda se formou em torno do microfone, ferramenta esta que ao longo da noite potencializaria os discursos contra a Copa e contra os efeitos provenientes dos megaeventos.

As denúncias aconteciam no intervalo de troca das bandas. Entre as narrativas estavam a de participantes e ativistas do Comitê Popular de Porto Alegre, na luta contra as remoções. As falas de alguns afetados e prejudicados pelas obras da Copa, declarações de repúdio ao megaevento, o pronunciamento da Frente Nacional Quilombola denunciando o racismo institucional e alertando para sua luta contra os megaeventos e megaprojetos; e a denúncia de um ativista que sofreu abuso policial durante as manifestações anteriores do Bloco de Lutas, fala esta proferida há alguns metros do cordão composto por policiais da Brigada Militar.

Sobre as *performances* elaboradas e praticadas pelos Comitês Populares da Copa, Dowbor e Szwako (2013) destacam que possuem diferenças com relação as *performances* usadas por outros grupos de ativistas, como por exemplo, pelo Movimento Passe Livre (MPL) de São Paulo. Para os pesquisadores “as organizações articuladas dos CPCs recorrem a uma série de táticas para influenciar o processo da decisão política. Ganhar visibilidade para suas causas é uma delas” (2013, p.50). Além disso, diferente do MPL, os Comitês possuem uma relação atípica com a dimensão da violência e do confronto. Para eles,

o conteúdo violento de suas manifestações e atos públicos está inscrito nas entrelinhas. A dramaticidade de sua ação está nas denúncias das remoções forçadas, das ordens de despejo, dos incêndios criminosos; está expressa em palavras de ordem vocalizadas nos atos públicos, convocados, não raro, em paralelo a grandes eventos relacionados com a causa, mas realizados por terceiros. *Nesse sentido, os palcos forjados por outras equipes são aproveitados pelos CPC para suas atuações e performances* (Dowbor e Szwako, 2013, p.51).

O Comitê Popular da Copa Porto Alegre¹⁸ estabeleceu uma parceria com atores externos, entre eles o Bloco de Lutas. Mesomo (2014) mostra a relação entre o Bloco e o Comitê em alguns momentos de sua pesquisa realizada junto às comunidades que estavam para ser removidas por conta das obras da Copa na capital. Além da participação nos atos organizados e chamados pelo Bloco, o CPC participou ativamente da ocupação que aconteceu na Câmara de Vereadores de Porto Alegre em julho de 2013¹⁹.

Essa composição foi concretizada no momento em que as pautas defendidas pelo CPC Porto Alegre foram incorporadas às demandas do Bloco de Lutas, entre elas estavam o questionamento aos gastos com megaeventos e as remoções de moradores, sobretudo da Vila Tronco, uma das áreas mais atingidas pelas obras da Copa na capital. Com isso, a pauta *Copa pra que(m)?* juntamente com a reivindicação de um transporte público de qualidade, passam a representar as principais demandas dos atos organizados pelo Bloco, mas ainda com a centralidade da pauta do transporte.

Na semana seguinte ao evento organizado pelo Bloco de Lutas junto com o CPC e o Coletivo em Defesa Pública da Alegria, o Brasil, e especialmente Porto Alegre, presenciariam a eclosão de protestos que causaram perplexidade, euforia e confusão tanto para o público, quanto para a mídia e intelectuais de diferentes áreas, principalmente das ciências sociais. Esse episódio, bem como suas respectivas características serão retratados nos tópicos a seguir.

2.3 17 de junho tod@s as ruas: jornadas de junho 2013

Na quinta-feira 13 de junho, uma semana antes da efervescência das manifestações, um protesto foi organizado pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo. Nesse dia foram registradas ações violentas por parte da polícia nas quais, militantes e jornalistas foram

¹⁸ O Comitê Popular da Copa em Porto Alegre estava subdividido entre região Central e região Cristal. Ver Araujo (2011).

¹⁹ Ver Segarra (2015).

agredidos ao longo da marcha que se concentrou na Avenida Paulista.²⁰ Logo em seguida, uma virada discursiva por parte de jornalistas de grandes meios de comunicação, como, por exemplo, da Rede Globo, surpreendeu a todos. Os meios de comunicação que na semana anterior criticavam os protestos e denominavam os participantes de “vândalos” agora apoiavam e elogiavam a conduta dos militantes.

Na semana seguinte, dia 17 de Junho de 2013, data de abertura da Copa das Confederações²¹, algo repentino aconteceu. Os eventos que vinham sendo realizados no país desde o início do ano e com pautas ligadas à luta pelo Transporte Público passam a abarcar um grande número de pessoas aparentemente sem experiências de participação em eventos dessa natureza. Esses eventos apresentavam características distintas dos atos organizados anteriormente, como a quantidade, o perfil dos participantes, pautas e *performances*. O ato do dia 20 de junho contou com cerca de 1,25 milhão de participantes em mais de 100 cidades no Brasil²².



Figura 3: Manifestação dia 17 de junho em frente a Prefeitura Municipal (Fonte: acervo pessoal)

²⁰ Um das matérias no dia seguinte ressaltava o estado grave de um dos jornalistas atingidos por balas de borracha. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2013/06/fotografo-ferido-em-manifestacao-corre-risco-de-ficar-cego-diz-mulher.html> (acessado em 14/06/2013).

²¹ É um campeonato de Futebol organizado pela FIFA com os mesmos moldes da Copa do Mundo. Antes de 2005 a Taça das Confederações, como também é chamada, era realizada no período de dois anos. A partir de 2005 passa a acontecer de 4 em 4 anos. No Brasil foi sucedida no ano anterior à Copa do Mundo e foi tomada como uma espécie de ensaio para o grande evento.

²² Maiores informações: <http://g1.globo.com/brasil/noticia/2013/06/protestos-pelo-pais-tem-125-milhao-de-pessoas-um-morto-e-confrontos.html> (acessado em 15/01/2014).

Muitas hipóteses foram levantadas para pensar quem eram, como se deu a entrada e os fatores que impulsionaram a participação desses novos atores. Num contexto nacional, Singer (2013) adotou uma perspectiva que enfoca a dimensão social e de classe dos protestos, com base em pesquisas feitas por institutos como Ibope e Innovare, sugere que a manifestação foi composta com ideologias de uma classe média tradicional e um *novo proletariado*. O autor insere uma discussão com base em variáveis como idade, escolaridade e renda, para pensar o caráter dos variados grupos participantes. Uma das conclusões de Singer (2013) é a de que os eventos eram compostos pela maioria de jovens e jovens adultos, bem como por pessoas que possuíam alta escolaridade, mas que não dispunham de salários acima da média.

A pesquisa trazida acima foi realizada nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, mas poderia facilmente ser empregada em outras capitais, visto que, o perfil dos manifestantes ao que tudo indica era o mesmo. Em Porto Alegre não foi diferente²³, Muhale (2014) destaca, ao descrever a fala do jornalista Sakamoto em São Paulo, sobre a entrada de pessoas com diferentes perfis, entre eles conservadores e de extrema-direita, que Porto Alegre compartilhava aspectos semelhantes ao da capital Paulista. Segundo ele, embora a constatação de Sakamoto tivesse sido realizada a partir de São Paulo, revelava:

Aspectos importantes também dos atos acontecidos em Porto Alegre: convivência entre grupos com posições ideológicas contrastivas, classes e pertencimentos étnico-raciais diferenciados. Esta configuração, por um lado, aumentava a heterogeneidade das ações e, por outro lado, ampliava sua visibilidade pública (Muhale, 2014, p.98).

A preocupação por parte do Bloco de Lutas em deixar claro quais eram suas pautas, tornava-se visível nos fóruns de discussão e eventos organizados pelo grupo. Dois eventos foram criados no Facebook com data marcada para dia 24 de junho, um organizado pelo Bloco de Lutas e outro por pessoas sem identificação com grupos ou coletivos. No evento organizado pelo Bloco as pautas que seriam defendidas ao longo do ato estavam escritas com letra em formato caixa alta, evidenciando assim, as demandas defendidas pelo grupo, entre elas: *por um transporte 100% público, tarifa zero já, liberdade a todxs xs presxs do movimento e fora Copa FIFA e seu Estado e exceção*²⁴.

Isso aconteceu na medida em que as causas defendidas anteriormente estavam sendo diluídas em meio à pluralidade de pautas trazidas por outros atores. Sujeitos que não pertenciam a coletivos ou grupos, sem filiação partidária ou experiência com militância

²³ Não tive acesso a nenhuma pesquisa feita sobre o perfil etário, econômico e escolar dos manifestantes nas Jornadas de Junho em Porto Alegre.

²⁴ Pautas evidenciadas no evento do dia 26/06/2013. Disponível em: <https://www.facebook.com/events/483239548425255/?ref=2> (acessado em 20/06/2013).

política, começaram a ser chamados pelos que já vinham se manifestando anteriormente de “coxinhas”²⁵. Portando bandeiras do Brasil e do Rio Grande do Sul, caras pintadas em verde e amarelo e entoando o hino nacional, trouxeram múltiplas pautas, entre elas investimento na educação, saúde e segurança, conferindo uma conotação nacional ao movimento.

Um dos impulsos para entrada de novos atores diz respeito a uma dimensão estética que acarretava um lado lúdico para estes eventos. Aspectos como o consumo de bebidas, a realização no turno da noite e a excitação exercida pelos participantes fazia com que esses eventos fossem comparados, tanto por participantes quanto por pessoas externas, a festas. Silva e Ruskowski (2011) destacam a importância do aspecto lúdico nas ações de contestação e em como são apontados pelos participantes como a principal forma de atrair público para suas ações. Segundo os autores, as manifestações “possuem um cuidado estético que enfatiza uma preocupação de fazer daquele momento algo ‘místico’, onde não é raro ver os jovens dançando e cantando as palavras de ordem” (p.9).

Como salientado anteriormente, a falta de diálogo entre os manifestantes individuais e os que estavam envolvidos com coletivos e integravam o Bloco de Lutas era tamanha que no dia 20 de junho houve a ocorrência da programação de dois eventos marcados para o mesmo dia em Porto Alegre. Nesse dia especificamente, foi possível ver claramente a cisão no movimento, a dispersão de uma multidão que resolveu percorrer regiões diferentes da cidade. O próximo tópico procura discorrer sobre esse evento e sobre as características políticas e de perfil dos sujeitos individuais nos protestos de 2013.

2.4 Porto Alegre vai parar: novos atores entram nas manifestações

O cenário de contestação que anteriormente era protagonizado pelo Bloco de Lutas, passou a ser modificado com a entrada de novos atores individuais, sem filiação partidária, com ideais conservadores e com posições políticas mais localizadas à direita. Com o surgimento de outras *performances* como cantar o hino nacional, usar camisetas da seleção de

²⁵ O termo “coxinha” passou a ser usado para designar pessoas com posições políticas divergentes dos que já vinham se manifestando nas ruas nas *Jornadas de Junho*. Os coletivos e partidos identificados como de esquerda passaram a denominar os atores que participavam das marchas vestidos de verde e amarelo e com múltiplas pautas de “coxinhas”. Com variadas origens e conotações o termo pode estar relacionado à uma pessoa “certinha”, politicamente correta, assim como um indivíduo conservador. Também está relacionada à imagem. Se diz que uma pessoa é “coxinha” pelo seu modo de vestir, principalmente na moda e com roupas de grife. Além disso, indica um estilo de vida de um sujeito que cultua o corpo e está sempre na academia fazendo exercícios. A origem pode estar ligada a conduta de policiais que costumavam estacionar seus carros em frente a lugares que vendiam coxinhas, um salgado típico no Brasil. Além disso, outra explicação seria que o baixo salário dos policiais seria o suficiente somente para comprar coxinhas de galinha. Contudo também há os que afirmam que surgiu graças a homens de classe média e alta que usavam bermudas para pegar sol nas suas coxas.

futebol e pintar os rostos em verde e amarelo, demonstrações que não haviam sido registradas nos protestos desde então, as manifestações passaram a ter um caráter multifacetado. As pautas que adentraram o movimento estavam relacionadas a temáticas amplas como educação, saúde e segurança.

As manifestações de junho apresentaram alguns aspectos particulares com relação a dinâmicas de movimentos sociais. Entre as principais características apresentadas por Kunrath (2014), estão a ausência de uma reivindicação ou demanda comum, a velocidade com que os protestos se intensificaram num período compreendido por um mês e a massiva presença de um segmento da população que não estava inserido em organizações sociais ou políticas.

A manifestação do dia 20 de junho, já mencionada no tópico acima, foi emblemática, pois registrou a realização de duas marchas pelas ruas de Porto Alegre. Durante as semanas de junho de 2013 que compreenderam o período de 17 a 28, era comum a criação de dois ou mais eventos de protesto que se realizariam na cidade. Um dos eventos sempre contava com a assinatura de atores coletivos já conhecidos, o Bloco de Lutas, os demais eram sempre organizados por atores individuais que não possuíam relações entre si. Por vezes ficava-se sem saber qual evento confirmar no Facebook; era difícil saber qual o cunho político do acontecimento marcado por sujeitos individuais. Na quinta-feira, dia 20, algo incomum aconteceu. A multidão que se formou em frente ao Paço Municipal²⁶ não chegou à um consenso em relação à direção que a marcha deveria seguir. Duas concentrações se formaram e seguiram em direções diferentes: uma, articulada pelo Bloco, seguia-o; outra, dissidente, aparentemente marchava sem saber para onde ir.

²⁶ É a sede da prefeitura de Porto Alegre, localizado no Centro Histórico, era o ponto mais utilizado para concentração dos atos nas *Jornadas de Junho*, visto que, a contestação anterior era ao transporte público e, portanto à gestão da prefeitura da cidade.



Figura 4 : Multidão marchando nas Avenida Júlio de Castilhos (Fonte: Ricardo Duarte/RBS)

Em meio à efervescência tanto de pautas quanto de participação, inúmeras interpretações passaram a ser feitas por intelectuais, pesquisadores de universidades, jornalistas entre outros. Além disso, o grupo pertencente ao *mainstream econômico* (CATTANI, 2014) passou a fornecer suas interpretações nos principais meios de propagação da informação. Essas interpretações elaboradas por grupos empresariais inseriram as mais diversas demandas e solicitações. Entre elas a ideia de que as manifestações eram uma crítica ao Governo Federal e que a “corrupção”, entendida aqui como termo êmico, era um dos principais motivos das dificuldades que o país enfrentava.

A dimensão multifacetada dos protestos de junho que foi desde o “ecossocialismo até impulsos fascistas, passando por diversas gradações de reformismo e liberalismo” (SINGER, 2013), estampou a promoção do individualismo. Todos os atores tornaram-se protagonistas de sua própria causa. A personificação de cada pauta estava estampada nos cartazes que eram carregados ao longo das marchas. Damo (2014) afirma ser “sintomático que, para um grupo expressivo de manifestantes, a preocupação principal não fosse com as consequências de sua mobilização, mas em saber qual seria a próxima” (p.184-185).



Figura 5: Pluralidade de cartazes em frente a Prefeitura Municipal (Fonte: Gilmar Luiz da Silva)

Sáimos do Facebook, frase reproduzida em cartazes, reforça a simpatia dos manifestantes pela possibilidade de eleger sua própria causa representada num cartaz. A ideia de “sair” das redes sociais e “voltar” para elas após os protestos, mostrava a continuidade das manifestações *online*, revelando os aspectos dinâmicos e criativos desses eventos. As redes sociais se constituem um meio de debate e criação de eventos bem como de divulgação, fazendo com que pessoas que não costumam ter alguma participação de militância possam ter uma experiência de ativismo. Silva (2014) ressalta a importâncias das *redes sociais* e das *Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)* para a estrutura das mobilizações de junho. Para ele:

Assistiu-se, assim, à emergência de indivíduos e grupos articulados através de *redes sociais* como agentes ativos em diferentes etapas dos protestos: proposição de ações, mobilização de participantes, difusão de informações, estabelecimento de pautas, interpretação dos eventos, entre outras (p.16).

Mas mesmo em meio a essa pluralidade de pautas, *performances* e atores algumas se sobressaíram, como foi o caso dos Black Blocs que tiveram um protagonismo em várias

idades do país. A tática Black Bloc e como o movimento se apresentou em Porto Alegre serão discutidos no subcapítulo seguir.

2.5 Black blocs – mais uma *performance* em meio a multidão

Um grupo que conseguiu se destacar em meio à pluralidade discursiva e *performática* foram os Black Blocs. Demonstrando uma identidade própria e personificada que ganhou visibilidade nos protestos de junho, os participantes da tática vestiam-se de preto, portavam máscaras e se apresentavam em grupos, que quase sempre tomavam a frente das marchas. Seus principais alvos eram bancos, órgãos públicos, lixeiras, placas e alguns estabelecimentos privados que continham anúncios da Copa como Mc Donalds e bancas de revistas com propagandas da Coca-Cola. Pichações também eram reproduzidas por onde o grupo passava, *não ao aumento da passagem* e *Fora FIFA* eram frases constantemente escritas em muros e paredes por onde a marcha percorria.



Figura 6: Black blocs tomam a frente na marcha na Avenida Borges de Medeiros (Fonte: acervo pessoal)

Sobre a tática Black Bloc Saraiva (2014) ressalta ser uma novidade no Brasil descoberta nas manifestações de 2013, mas que surgiu na Alemanha em 1980 com o movimento autônomo *Autonomen*. Um movimento descentralizado e multifacetado com viés contra cultural e que passou a adotar *performances* espetaculares (SARAIVA, 2014). Sobre o caráter desordenador e espontâneo da violência, a autora afirma que:

Como se pode perceber, os Black Blocs elaboram sua “prática violenta” de forma simbólica, o que os afasta da noção de vandalismo ou arruaça gratuitos. Suas ações trazem à tona a contradição de uma sociedade que repudia qualquer investida contra a propriedade privada e que ao mesmo tempo aceita a violência contra as pessoas, seja a violência policial, seja a violência representada pela falta de acesso a direitos básicos (p.48).

Em Porto Alegre o grupo Black Bloc também adquiriu notoriedade. Com os rostos cobertos quase sempre eram os primeiros a chegar nas concentrações. Com um número de homens e mulheres bem equilibrado tomavam a frente das marchas. O grupo já atuava desde o começo de 2013, com a quebra de bancos, como Santander, Banco do Brasil e Banrisul; e estabelecimentos, como bancas de revistas e lojas de telefonia móvel. Mas foi somente no mês de junho que a quebra e pichação de lugares começa a ser relacionada às *performances* Black Bloc.

Nesse sentido é visível como o recurso da violência é acionado compondo os cenários e os repertórios de ação, agregando, de certa forma, excitação aos participantes dos eventos. Para Tarrow (2009) a violência também possui um efeito polarizador quando relacionada a um conflito, por isso a aliança tende a dividir opiniões internas e externas com relação a usá-la ou não. Podendo até mesmo revelar elementos de *performance*, a ação das táticas de confronto dos Black Blocs eram localizadas, mas faziam parte da grande manifestação.

A violência aqui pode ser entendida num duplo sentido. Como uma das responsáveis pelo afastamento de manifestantes que não simpatizavam com essa forma de ação. Por outro lado, pode ter sido impulso para agregar pessoas que na efervescência do momento praticavam atos de vandalismo. Durante a participação nos protestos era comum presenciar manifestantes que claramente não faziam parte da tática Black Bloc, pois não estavam uniformizados como tais, mas que em determinado momento praticavam a quebra de estabelecimentos, ao mesmo tempo em que, era possível identificar indivíduos gritando *sem violência*. Mostra-se assim o efeito polarizador que a violência causou durante junho de 2013. Atos de violência por mais que impressionem a primeira vista, possuem limitações na formação dos movimentos, por acabar demarcando e assustando possíveis simpatizantes (TARROW, 2009).

O aumento progressivo dos participantes nos protestos, muitos deles impulsionados pela grande mídia e pelas redes sociais, fez com que esse processo adquirisse um caráter diferente do que era registrado em movimentos tradicionais. Assim como aspectos singulares que dizem respeito à estrutura e à ação dos grupos participantes. A dimensão lúdica e as *performances*, bem como a relação destas com a violência se apresentaram como elementos centrais para pensar as manifestações e os eventos de contestação. As manifestações de junho tiveram traços particulares, visto que, os participantes vinham de diferentes classes sociais, grupos e possuíam intenções distintas. Além disso, cada um se sentia no direito de selecionar uma pauta na qual quisesse defender, fazendo com que as demandas se multiplicassem e não se restringissem apenas ao passe livre e ao transporte público.

O Bloco de Lutas e suas formas do fazer político como a horizontalidade, a não representação de uma liderança, a tática da ação direta, o uso de *repertórios* como músicas de torcidas com letras adaptadas a luta que se reivindicava, a confecção de cartazes coloridos e com frases criativas que jogavam com as palavras e com o humor, a presença de *performances* teatrais e o escracho, apresentado como tática de confronto, a mobilidade das manifestações, o aspecto dinâmico desses eventos pelo espaço urbano que se apresentava como uma estratégia do movimento para ocupar ruas e praças da capital, são traços visivelmente partilhados com outros movimentos na cidade, como por exemplo, os de ocupações do espaço público.

As *performances* trazidas pelo que vem sendo chamados de novos atores nas *Jornadas de Junho* também precisam ser destacadas. A ostentação de vários cartazes com diferentes pautas, o uso do nacionalismo como forma de mobilização, o uso da camiseta do Brasil como uniforme dos manifestantes, o uso de músicas adaptadas para suas reivindicações e outras mais tradicionais como o Hino Nacional, as caras pintadas, entre outras, também serão elementos aproveitados em manifestações contemporâneas, como por exemplo, as que acontecerão em 2015, organizadas também por segmentos do empresariado e de posições políticas mais à direita.

Muitas características relacionadas à configuração e ação dos grupos protagonistas das *Jornadas de Junho* refletem a presença de elementos presentes em novos movimentos sociais em Porto Alegre, como por exemplo, o Massa Crítica e o Coletivo em Defesa Pública da Alegria. Isso se dá na medida em que os grupos de contestação na capital compartilham ideais e visões de repertórios e formas de ação que serão colocadas em prática nas suas intervenções

sejam elas com caráter de manifestação ou eventos políticos-culturais, também organizados em grande quantidade na cidade de Porto alegre.

3 A COPA DO MUNDO EM PORTO ALEGRE – PROTESTOS EM 2014

A pouco tempo do início dos jogos, não há entusiasmo nas ruas e nas manchetes dos jornais predominam notícias ruins, apesar da mobilização governamental para reverter o quadro. Poucas vitrines exibem a decoração alusiva à Copa e as crianças ainda não estão fantasiadas a caráter, como de costume. A convocação do time que vai representar o Brasil ocorreu no final de maio, sem lobby, contestação ou polêmica, muito diferente do habitual. (DAMO, 2014, p.2).

Os movimentos sociais que protagonizaram as manifestações do ano de 2013 em Porto Alegre, adentraram o ano de 2014 com grande expectativa. A agenda de protestos e a repercussão destes em 2013, com pautas centradas no transporte público e nos impactos da Copa, teve uma mudança no ano de 2014, sendo que as pautas concernentes ao megaevento, tais como impactos decorrentes das obras e os gastos exorbitantes, entraram como primordiais na agenda do Bloco de Lutas.

A mobilização por parte do grupo começou já em janeiro e se estendeu até o período da Copa do Mundo, realizada no país entre os dias 12 de junho e 13 de julho. Ao longo dos meses em que as manifestações foram articuladas, aconteceram uma série de mudanças e novos acontecimentos. Sendo assim, o objetivo desse capítulo é mostrar e problematizar como se deu o refluxo do movimento de contestação em Porto Alegre. Para tal, proponho compreender quais foram as diferenças de configuração, ação e atuação que se apresentaram entre 2013 e 2014. Além disso, procuro refletir a respeito de alguns fatores que podem ter impulsionado essas modificações nos atos organizados pelo Bloco.

Seguindo a linha proposta nesse trabalho – que é a de pensar os movimentos contemporâneos em Porto Alegre a partir de um processo, tendo como foco principal os últimos três anos -, o próximo capítulo pretende abordar os movimentos e dinâmicas que surgiram no final de 2014, mas que só ganharam corpo e força no início e no decorrer de 2015. Analisando os seus principais aspectos, configurações, bem como os atores envolvidos, procuro pensar a respeito de como as *Jornadas de Junho* podem ter impulsionado, mesmo que em pequena escala, camadas de discursividade e ações de grupos com perfis diferentes dos integrantes do Bloco de Lutas e de atores que protagonizaram eventos de ocupação dos espaços públicos.

3.1 A Copa do Mundo como pauta central

Logo na primeira quinzena de janeiro foi convocada pelo Bloco de Lutas, em Porto Alegre, uma assembleia com o objetivo de avaliar o ano anterior e organizar novos atos para 2014. O número de presentes refletia os bons resultados do ano que passou e, o local onde foi realizado o encontro quase não suportou a quantidade de pessoas. As demandas para a contestação à Copa foram unânimes entre os que se propuseram a falar. Nessa oportunidade, as pautas associadas à luta pelo passe livre e o aumento da passagem também foram mencionadas. Mas foi o slogan *não vai ter copa*, bem como a pauta de criminalização aos militantes, que tiveram maior aceitação, sendo colocadas, portanto, como demandas centrais para o primeiro protesto marcado para 2014, na capital.



Figura 7: Bandeira do Brasil colocada em frente à Prefeitura Municipal (Fonte: acervo pessoal)

A primeira manifestação organizada pelo Bloco em 2014 acabou agendada para o dia 23 de janeiro, estrategicamente escolhida para coincidir com a abertura do Fórum Social Temático²⁷, que seria realizado em Porto Alegre e, diferenciando-se, ao mesmo tempo, da

²⁷ O Fórum Social Temático que em 2014 foi realizado entre os dias 21 e 25 de janeiro em Porto Alegre é um encontro que visa a discussão e reflexão de temáticas relacionadas à sociedade, política e economia.

data das manifestações das demais capitais no Brasil. Um dos objetivos dos movimentos sociais de contestação à Copa, principalmente em Porto Alegre, passa a ser organizar atos públicos a fim de chamar atenção das autoridades e da imprensa internacional, uma vez que o país estava em evidência justificada pelo megaevento.

Alguns meses antes da realização da Copa do Mundo no Brasil, mais especificamente entre os meses de fevereiro e maio, teve início um grande movimento de greves no país. As paralisações que mais causaram impactos foram a dos rodoviários, ocorridas nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, e a dos garis, ocorrida logo após as festividades de carnaval, também no Rio de Janeiro. A ameaça de parar serviços como o de transporte público durante o megaevento passou a compor os discursos dos manifestantes e uma das táticas empregadas pelo grupo era a de sugerir paralisações gerais para todo o país.

O ato *Da Copa eu abro mão: 15 de maio o Brasil vai parar*, foi convocado em Porto Alegre. Um dos panfletos, entregues por militantes no dia do ato, que fazia a chamada ao público, trazia informações sobre as pautas e quais seriam as próximas ações do movimento:

Há poucos dias do início da Copa da FIFA se generaliza o repúdio aos gastos exorbitantes, à corrupção e ao autoritarismo implantado para tentar garantir um evento fracassado (...) É preciso organizar uma greve geral de 24h em maio e um plano de luta em junho. (...) É preciso unificar as favelas, juventude indignada, para realizar ações com foco em uma greve geral. E para que em junho possamos organizar piquetes efetivos, ocupações, bloqueios, e outras ações (Panfleto distribuído pelo grupo “unidos para lutar”).

O evento organizado para o dia 15 de maio em Porto Alegre ficou marcado para o final da tarde, em frente à Prefeitura Municipal. Encontravam-se poucos presentes, visto que um temporal havia passado pela cidade, deixando o trânsito debilitado. A presença da chuva, mesmo que amenizada, também poderia ser justificativa para o pequeno aglomerado em frente ao Largo Glênio Peres, além dela, a ocupação da Reitoria da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) pelos estudantes, que acontecera um dia antes, dado que muitos deles faziam parte de coletivos que integravam o Bloco de Lutas.

A presença ostensiva da Brigada Militar, no início da concentração do ato do dia 15 de maio, era um aspecto marcante. Essa consistia em uma das principais características dos primeiros protestos de 2014. A aglomeração contava com a presença de poucos mascarados que começaram a colar cartazes em torno do Mercado Público Municipal e em postes pela cidade. A desaprovação do público, ou seja, das pessoas que estavam fora do movimento, se tornava bastante visível. Olhares de reprovação e frases soltas no ar mostravam total censura por parte daqueles que circulavam pelo centro da cidade: *eles acham que se não tiver copa vai melhorar alguma coisa, porque não vai!; Como vou pegar o ônibus agora?; Contra a copa,*

agora? E trabalhar ninguém quer. O ato acabou pacificamente em frente ao Largo da Epatur, local tradicional de dispersão dos protestos organizados pelo Bloco.

Na semana seguinte, no dia 27 de maio, o jornal *Folha de São Paulo* publicou matérias informando que os protestos no Brasil haviam se intensificado nas principais cidades e regiões metropolitanas, justificando o fato pela aproximação do início da Copa de 2014²⁸. A maioria deles foi impulsionada por greves. No caso de São Paulo havia ocorrência de manifestações, mesmo que sem grandes proporções, quase que diariamente. Muitas delas organizadas pelo Movimento dos Trabalhadores sem Teto (MTST) que juntamente com outros coletivos se articulavam em defesa da moradia e contra os gastos na Copa.

A data de abertura da Copa do Mundo no Brasil se aproximava e o policiamento em Porto Alegre passou a ser reforçado²⁹. Policiais do interior do estado foram mobilizados para atuar antes e durante os jogos das seleções em Porto Alegre. A população em geral se mostrava satisfeita com a nova configuração de segurança, porém outras, principalmente jovens que participavam de movimentos sociais de contestação, se mostraram contrários ao que eles denominaram *Estado de Exceção*, implantado por conta da Copa e da FIFA.

As pessoas contrárias ao policiamento ostensivo se manifestavam nas redes sociais e até reproduziam imagens para ridicularizar a situação. A organização de eventos que costumam ser realizados na cidade, principalmente os que reivindicam a democratização do espaço público – tais como o *Defesa Pública da Alegria* e o *Largo Vivo*, que acontecem no Largo Glênio Peres; a *Terça Tutti*, próximo a Ponte de Pedra dos Açorianos, em frente ao Bar Tutti Giorni; a *Serenata Iluminada*, que acontece no Parque Farroupilha popularmente conhecida como Parque da Redenção – começaram a ser prejudicadas. Esses locais entraram no circuito de ocupações realizadas na capital que reivindicam a utilização de espaços públicos ameaçados por privatizações ou por outros fatores como, por exemplo, revitalizações. Esses eventos eram realizados em pontos localizados em zonas centrais da cidade, justamente onde havia maior controle por parte da Brigada Militar, antes e durante o megaevento na capital.

O desentendimento entre policiais da BM e manifestantes num dos eventos referidos acima, será exposto no tópico a seguir e exprime interessantes fatores sobre a contestação em Porto Alegre, dias antes da realização da Copa. Perto do megaevento, o clima de tensão por parte dos grupos que organizavam os atos de repúdio aos jogos era grande. O policiamento

²⁸ A reportagem referenciada está disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/05/1460441-paralisacao-surpresa-de-onibus-no-rio-intensifica-protestos-no-pais.shtml>. Acessado dia 28/04/2014.

²⁹ Sobre o aumento do policiamento ver: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2014/04/porto-alegre-tera-reforco-de-2-mil-pms-do-interior-durante-a-copa-4480105.html>

ostensivo em áreas que costumavam englobar ações de protesto e o aumento do número de policiais nas ruas, dentre outros motivos, levaram os participantes de ocupações em Porto Alegre a repudiar essas medidas, principalmente nas redes sociais. De fato, algumas semanas antes do início da Copa em Porto Alegre, qualquer razão era motivo para protestar.

3.2 Não vai ter Copa, vai ter Tutti³⁰

Na última terça do mês de maio, duas semanas antes da abertura da Copa, aproximadamente cem policiais ocuparam o entorno da Praça dos Açorianos. Nesse local, toda terça-feira costumava acontecer um evento de ocupação do espaço público, a *Terça Tutti*, como também é chamada. As poucas pessoas presentes naquele dia sentiram-se intimidadas com a situação, relatando que além dos policiais estarem documentando o evento com fotos, ordenavam onde todos deveriam se posicionar. As pessoas atingidas pelo fato acabaram não permanecendo no local.

O evento *Tutti Livre*, criado pelo coletivo *POA Livre*, através da rede social Facebook, mobilizou o público rapidamente. Marcado para a semana seguinte – o mesmo seria realizado no dia três de junho – cerca de duas horas após a divulgação na rede social, já contava com mais de mil pessoas confirmadas. Nas redes sociais, os presentes no evento anterior relataram a ação hostil da Brigada Militar, recebendo assim manifestações de apoio de muitas pessoas. Isso impulsionou alguns debates na página, principalmente relacionados à contestação a Copa do Mundo. Muitos diziam que esse fato havia sido “culpa” da Copa, chamando o ocorrido de *opressão pré-copa*. Uma das frases representativas dessa ação foi *não vai ter Copa, vai ter Tutti*, parafrazeando o que era entoado pelos coletivos de contestação, *não vai ter Copa, vai ter Luta*. Apreensivos com relação à repressão, alguns ressaltavam que essa mobilização poderia acabar como a manifestação do Tatu da copa³¹, pois as duas compartilhavam as mesmas características. Analisando esses comentários, é interessante ressaltar que, quase dois anos após o acontecimento envolvendo manifestantes e a Brigada Militar no Largo Glênio Peres, o evento permanecia presente na memória coletiva.

³⁰ Frase usada pelos manifestantes em cartazes ao longo do evento.

³¹ Como também ficou conhecido o acontecimento.



Figura 8: “Não vai ter Copa, vai ter Tutti” Protesto contra o policiamento ostensivo durante a Copa e o fechamento do Bar Tutti Giorni (Fonte: Leo Urnauer/G1)

Na tarde da terça-feira três de junho, dia marcado para a mobilização, o Bar Tutti Giorni foi interditado pela Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC) após reclamações de barulho feitas por vizinhos do bar³². Esse foi um dos motivos que fez com que mais pessoas aderissem à causa e participassem da manifestação. Já à noite, chegamos ao lago dos Açorianos nove horas. O lugar ainda não estava lotado, o que veio a acontecer cerca de uma hora depois. Não havia indícios de grande número de policiais presentes, como de costume. Contudo, de tempos em tempos, passavam micro-ônibus da BM cheios de policiais, o que deixava os manifestantes apreensivos. Essa preocupação também era visível nas redes sociais, uma vez que, as pessoas que ainda não estavam no local, mas que pretendiam se deslocar para lá, pediam para que os presentes postassem informações a respeito da situação no local.

Das quase cinco mil pessoas confirmadas no evento virtual, cerca de mil compareceram. Ao dobrar na rua Loureiro Da Silva, onde se localizava a concentração, se via logo de entrada uma enorme faixa com os dizeres de *Não vai ter Copa*. Essa primeira imagem já demonstrava a especificidade daquele evento, em comparação aos demais realizados em

³² Para maiores informações: <http://www.sul21.com.br/jornal/bar-que-e-ponto-de-encontro-de-jovens-nas-tercas-feiras-e-interditado-pela-smic/>

outras terças. Algo de diferente acontecia ali, visto que, nas outras terças-feiras, além dos cartazes confeccionados para vendas de bebidas e comidas, não era comum encontrar faixas e cartazes de contestação.

A presença de músicas, vendedores ambulantes, venda de comidas veganas e quentão, devido ao frio da noite, eram elementos que sempre fizeram parte desse tipo de contestação. Um clima de festa, como toda *Terça Tutti*, com a presença de integrantes do Bloco de Lutas pelo Transporte Público e pessoas conhecidas dos protestos. Cartazes pendurados na porta do bar, interditado durante a tarde, diziam *Brasil Democracia padrão FIFA, FIFA Futebol Popular e Copa pra Quem?*. A multidão era composta por grupos heterogêneos que confraternizavam.

A chegada da unidade móvel da Defensoria Pública, perto das 21h, acionada por conta de denúncias da presença excessiva de policiais³³, tranquilizou os presentes no local, já que corria a notícia de que um micro-ônibus da Brigada Militar estava estacionado em uma rua próxima. A presença da Unidade Móvel dividiu opiniões: os que não se sentiram “seguros”, mostravam-se indignados pela disposição de uma unidade móvel não acontecer durante os protestos organizados pelo Bloco de Lutas. A multidão estava cada vez maior e a mobilização permanecia pacífica. Não havendo aparentes ameaças aos que continuavam aproveitando o uso do espaço. A noite seguiu até que o local fosse esvaziando.

No dia seguinte o grupo POA Livre postou uma declaração na página do evento, enfatizando o resultado positivo do mesmo. O esperado pelos organizadores era que a mobilização continuasse a acontecer nas terças, em proporções semelhantes. Contudo, na semana seguinte, o movimento voltou a ser o habitual e a mobilizar os frequentadores de sempre. Esse aspecto temporal, em que uma causa tinha determinado prazo de validade, pode ser entendido aqui como uma característica das *Jornadas de Junho*. Durante os protestos de junho 2013 tudo se tornava motivo para protestar, as pautas tinham prazo para expirar até que outra mais pertinente, na visão dos ativistas, aparecesse.

A data de abertura da Copa do Mundo se aproximava e a configuração da cidade de Porto Alegre já começava a modificar, principalmente com relação à sinalização de placas, a chegada de turistas e com isso a prioridade da segurança. Esses e outros elementos “colocavam o brasileiro no clima de Copa do Mundo”, apesar de outros fatores como, a atmosfera entusiasmada com bandeiras do Brasil nas ruas, pessoas vestindo a camisa da

³³ Após denúncias de presença ostensiva policial nos entornos da ponte de pedra, a Defensoria Pública Móvel se deslocou para o local no dia do evento organizado para contestar a repressão feita aos presentes na semana anterior. Disponível em: <http://www.sul21.com.br/jornal/defensoria-acompanha-movimentacao-na-ponte-de-pedra/>

seleção de futebol e as caras pintadas não fosse bem o apresentado nas vésperas e durante o megaevento. Realmente se observou com mais intensidade nas ruas um culto ao nacionalismo durante as *Jornadas de Junho* do que durante a Copa do Mundo no Brasil. O próximo tópico discorre sobre os eventos de protesto que aconteceram no período da Copa em Porto Alegre, do dia 12 de junho até 13 de julho. Assim como os eventos, suas demais peculiaridades também serão expostas no ponto a seguir.

3.3 *Copa pra Que(m)?* - começa a Copa do Mundo no Brasil

Havia grande expectativa com relação à realização de manifestações no início da Copa, em especial por parte dos militantes e das autoridades. No dia 12 de junho, data de abertura do megaevento, estavam previstos atos públicos em todo o país. Em Porto Alegre, a ação foi marcada para o meio-dia, em frente ao Paço Municipal. O centro da cidade estava repleto de torcedores e jornalistas vestidos nas cores verde e amarelo, que se misturavam com a concentração que começava em frente à Prefeitura. Esse protesto apresentou elementos importantes para pensarmos no modo como, ao longo da realização da Copa no país, a desmobilização e a perda de apoio aos manifestantes foi sendo apresentada, algo muito diferente do que havia acontecido em junho do ano anterior.

Dia ensolarado na capital, centro de Porto Alegre lotado. O relógio marcava meio-dia, horário previsto para a concentração em frente à prefeitura de Porto Alegre. População nas ruas com bandeiras, camisetas e cornetas. Me dirigi até lá, em direção a Avenida Borges de Medeiros, e na esquina democrática me deparei com um grupo de manifestantes. Chegando à prefeitura, poucas pessoas em frente ao prédio, olho para o outro lado da rua, no Largo Glênio Peres, e vejo uma grande concentração. Aproximando-me, avistei um carro da Rede Record³⁴, onde estavam presentes uma jornalista, um grupo musical vestido à caráter de Copa do Mundo, e muitos curiosos em volta. Atravessando a rua, o protesto ganhava mais participantes: grupos de coletivos e partidos começavam a chegar.

³⁴ A apresentação estava sendo televisionada ao vivo para um programa da emissora no horário do almoço.



Figura 9: “FIFA GO HOME” manifestação de abertura da Copa no Brasil (Fonte: acervo pessoal)

A presença de mascarados Black Bloc, compunha a multidão. Coletivos cantam em frente a prefeitura, com faixas e placas em forma de letras que conjuntamente formam a frase “FIFA GO HOME”. Passados 30 minutos o grupo começa a se deslocar. Enquanto isso, a tropa de choque, a cavalaria e um micro-ônibus com policiais na Brigada Militar estavam estrategicamente posicionados na rua ao lado da Prefeitura. Diversas *performances* começam a surgir no meio da multidão. Músicas, cartazes, batuques alegram o percurso feito pelos participantes. Sobre o efeito da *performance* em eventos públicos Tambiah (1997) destaca:

Ela também nos alerta para os aspectos dinâmicos, elaborados, criativos, construtivos e engenhosos dos eventos públicos, através dos quais os participantes se relacionam e lidam com problemas e causas de relevância contextual e com circunstâncias contingentes e emergentes, descobrindo, no processo, soluções inesperadas (p.9).

Ou seja, a dinamicidade dos eventos, assim como a criatividade que compõe os repertórios de ação estão relacionados às formas como os participantes combatem as demandas e causas que consideram importantes. Os aspectos dinâmicos e criativos continuaram, após as *Jornadas de Junho*, a compor as táticas e repertórios do Bloco de Lutas.

Seguindo o itinerário da manifestação, a caminhada seguiu pela Avenida Júlio de Castilhos, passando pela estação de trem, em direção ao “Camelódromo”. Ao longo desse trajeto, muitos estabelecimentos foram pichados. Numa tentativa de pichar uma loja, Black Blocs entraram em confronto com um senhor que tentou impedir a realização da ação. A briga, que quase gerou agressão física, foi apaziguada por outros integrantes do grupo que

saíram em direção à frente da marcha. *Vem, vem pra rua vem, é contra a FIFA*, frase de ordem cantada durante a marcha, era entoada enquanto manifestantes queimavam a bandeira do Brasil. O choque e a cavalaria seguem o fluxo da multidão.

O caminho a ser feito pela marcha não estava pré-estabelecido, ia sendo desenhado conforme o andamento do protesto e a posição que a polícia tomava nas ruas do centro. Do megafone escutamos “*vamos todos pro mesmo lado. Atenção*”. Isso porque os participantes não sabiam a direção que a marcha seguiria. Peirano (2002) sobre a imprevisibilidade de eventos de protesto mostra que,

de um lado, então, é preciso reconhecer que eles são, em parte, “sua própria causa” – o evento tem elementos que o tornam imprevisível, uma surpresa, uma diferença: não fosse assim, não se trataria de um evento, mas somente da ativação de uma potencialidade, da mera atualização de uma causa, da realização de uma estrutura (p.36).

Esse modelo de deslocamento foi muito difundido durante as *Jornadas de Junho de 2013*, apesar de já conhecermos um pouco o roteiro que as marchas costumavam seguir, a locomoção pelas ruas era atípica e imprevisível (DAMO, 2014). Nesta marcha que marcava o início da contestação durante a Copa em Porto Alegre, o deslocamento também foi inesperado, além de dividir opiniões, o que será demonstrado em seguida.

Passando pela Avenida Borges de Medeiros em direção ao viaduto Otávio Rocha, placas de sinalização, colocadas especialmente para a localização de turistas durante a Copa, foram derrubadas, um prédio teve seus vidros quebrados por pedras e pontapés. Bancos pelo caminho também foram atingidos. Ao chegar na rua Fernando Machado, a presença de curiosos, entre eles muitos moradores do entorno, começa a gerar confrontos com manifestantes. Muitas discussões foram geradas devido ao repúdio e aos questionamentos por parte da população. *Vão para casa, seus baderneiros*, grita um senhor de muletas que não se intimida para o garoto Black Bloc que carregava um pedaço de madeira na mão, e ao se aproximar lança sua muleta em direção ao menino. O manifestante atingido permanece próximo ao senhor sem reação e é puxado por outra integrante, que sai gritando contra o senhor. A rejeição por parte do público é tão notável que moradores dos prédios começam a jogar vidros, pedras e objetos para atingir manifestantes. Nesse momento, tivemos que nos refugiar embaixo de marquises. Moradores nas janelas xingam os manifestantes, que por sua vez, revidavam os xingamentos.

Não vamos perder o foco, vamos em direção ao nosso destino era uma das frases pronunciadas, muito embora ninguém na manifestação soubesse de fato qual seria o destino do movimento. Somente um local passava por minha cabeça como possível “destino” para a

marcha: a *Fifa Fun Fest*, evento de abertura para os jogos da Copa, que acontecia no Anfiteatro Pôr-do-Sol. Chegando ao Largo da Epatur, muitos participantes começam a deixar a marcha. Para alguns integrantes de coletivos e partidos, o protesto de abertura ao megaevento acabava ali. Os manifestantes seguiram em direção à Avenida Borges de Medeiros, novamente com o objetivo de chegar à Avenida Ipiranga, porém agora com menos da metade do grupo de pessoas que acompanhou a caminhada até o momento. As bandeiras de partidos e coletivos já não faziam parte da marcha, assim como os instrumentos e as músicas. Permaneciam apenas poucas pessoas entre muitos mascarados.

Na Avenida Ipiranga, a presença ostensiva da cavalaria e do choque indicava que o movimento não teria para onde ir se não recuasse e retornasse ao centro da cidade. Decidindo, portanto, retornar à Prefeitura, o que restava da manifestação foi surpreendido pela Brigada Militar, que decidiu censurar os manifestantes. O lançamento de três bombas de efeito moral, com o objetivo de dispersar os que ainda permaneciam, fez com que muitos saíssem correndo. A manifestação foi minada nesse momento, mas algumas pessoas continuaram em direção ao centro, depredando alguns estabelecimentos. A cavalaria da BM passou, se dirigindo para o mesmo lugar, os manifestantes ofegantes se misturavam na multidão de curiosos que prontamente lançou uma salva de aplausos calorosa aos policiais.

O acontecimento no dia 12 de junho foi fortemente marcado pela violência, tanto por parte dos manifestantes - principalmente Black Blocs e outros que se agregaram ao grupo praticando a quebra de bancos, placas e estabelecimentos comerciais -, quanto por parte da Brigada Militar, que respondeu com bombas de efeito moral e perseguição aos participantes. Levando em conta o aspecto do confronto entre participantes e a polícia lembra-se muito do que ocorreu nos meses que antecederam junho de 2013 e o enfrentamento que o grupo Black Bloc desempenhava durante as marchas.

Mas algo de diferente dos meses de junho e julho de 2013 gritava aos olhos e ouvidos. A população externa que assistia a marcha e os espasmos de violência declarou em inúmeros momentos a insatisfação e a reprovação ao que estava acontecendo. Durante as *Jornadas de Junho* o apoio da população aos atos era visível quando percorríamos as ruas da capital. Panos brancos nas janelas, pessoas acenando da varanda de suas casas, filmagens e fotos entusiasmadas dos cartazes e faixas mostravam a adesão do público ao que acontecia no país e na cidade. Em 2013, ao contrário do ano posterior, a salva de palmas não era para a Brigada Militar e sim para a juventude que lutava e cantava nas ruas.

Em busca de um *repertório dos tumultos*, Tambiah (1997) ao procurar compreender os grandes espasmos de violência coletiva no sul da Ásia, destaca que é possível distinguir um padrão nos eventos que observa, como a sequência dos atos de violência, a curta duração de tempo e os locais de concentração, localização e término. Os *riots*, nomenclatura que segundo o autor possui caráter conservador quando usado pelas autoridades, mas que, quando utilizado por estudiosos da temática de movimentos sociais é empregado como uma nomenclatura neutra, consistiam na queima, quebra e saque de estabelecimentos. Segundo Tambiah (1997) esses eventos podem parecer fenômenos caóticos, desordenados e espontâneos, mas quando analisados com maior cautela apresentam feições organizadas, programadas, traços e fases rotineiras.

Atentar para a rotina e a ritualização da violência e seu caráter coletivo, permite, segundo o autor, compreender porque depois de cometer atos e espasmos de violência, os envolvidos voltam para suas casas e continuam sua vida normalmente. Segundo Peirano (2002) são os aspectos de ritualização que auxiliam na compreensão do porquê depois de espasmos de violência *riots*, que possuem curta duração, os participantes logo voltam à sua vida normal e continuam a viver junto dos seus inimigos.

Assim como os *riots* analisados por Tambiah (1997), os espasmos de violência relatados neste tópico durante a marcha do dia 12 de junho também tiveram curta duração. O grupo que organizou a marcha, mas não necessariamente estava envolvido nos *riots* aqui salientados, já pensava na próxima ação. A Copa do Mundo já havia começado e era preciso pensar em ações rápidas que alcançassem o efeito desejado: a visibilidade tanto da mídia quanto dos turistas para que testemunhassem, mesmo que em menor proporção, quando comparado ao ano anterior, a resistência e a contestação dos porto-alegrenses.

3.4 Continuar ou recuar? – o refluxo dos protestos em 2014

No dia seguinte ao ato referido acima, que marcou o primeiro jogo da Copa do Mundo no Brasil, foi agendada pelo Bloco de Lutas uma assembleia, a fim de programar o próximo protesto que ocorreria na capital. Uma das opções seria a realização de uma manifestação no dia 15 de junho, dia em que aconteceria o primeiro jogo em Porto Alegre. Porém, a maioria dos participantes do Bloco de Lutas votou pela não realização da marcha que teria como destino o Estádio Beira-Rio. Em oposição, foi proposta a organização de um ato político-cultural no Parque Farroupilha. O motivo narrado pelos que se mostraram contrários, entre eles coletivos ligados ao PSOL, PSTU e frentes autônomas, estava relacionado ao

policiamento ostensivo que não permitiria que a marcha se locomovesse pela cidade. Além disso, a ideia de realizar um evento localizado e que contasse com a participação da população tornou-se uma ideia de ação, neste momento, mais viável e segura.

O grupo que estava em menor quantidade e se mostrou contrário a ideia de uma ação político-cultural, decidiu fazer um evento à parte do Bloco. Chamados de *Não vai ter Copa-RS* pretendiam realizar um ato no mesmo local e horário do que o marcado pela parcela restante do Bloco. A descrição apresentada na página do evento criado no Facebook pelo coletivo mostrava claramente a cisão que aconteceu no Bloco de Lutas, deixando exposta assim, as posições divergentes das duas partes.

Enquanto houver Copa dos ricos, estaremos na rua! Não é hora de recuar, pois é neste momento que as câmeras do mundo todo estão voltadas para Porto Alegre. A rua é o espaço de expressão da luta legítima do povo e não nos calaremos e nem faremos festa cultural diante da FIFA e do Estado de exceção instaurado no país. Vamos nos encontrar nos arcos do parque da Redenção às 13h e depois iremos marchar para o Beira-Rio! (trecho retirado do evento criado pela página “Não vai ter Copa –RS”, visualizado no dia 17/06/2014)

A descrição do evento criado pela parte que defendia o ato político-cultural chamava a população para compor o movimento que realizaria diversas atividades culturais, dentre elas música, oficinas, apresentação de teatro e até partidas de futebol. Com o mesmo objetivo, mas com propostas de intervenção distintas, a divisão entre os grupos no dia marcado para os atos era clara. Enquanto uma parte cantava e mantinha-se parada em frente ao Arco da Redenção, outra parcela se preparava para sair em marcha. Os manifestantes que decidiram circular pelas ruas foram acompanhados por intenso aparato policial. Essa cisão no grupo teve repercussão sobre as intervenções posteriores.

As diferenças políticas e de ideias de intervenção entre os grupos que compunham o Bloco de Lutas apareceram em vários momentos. Algo muito semelhante já havia ocorrido em 2013, conforme aponta Muhale (2014). A mudança na ideia de intervenção adotada pelo Bloco de Lutas no dia 20 de junho de 2013, que preferiu realizar um evento político-cultural na Praça na Matriz³⁵ ao invés de uma marcha pelo centro da cidade, apresentou divergências com relação as posições dos integrantes do Bloco. Muhale (2014) destaca,

mesmo com os habituais cânticos e gritos de ordem, este protesto tinha a diferença estrutural de ter um palco com o som montado, no qual artistas locais apresentavam-se ao público que, contrariamente às habituais passeatas, onde este desempenhava importante papel, desta vez viu-se numa posição subalterna, vendo e ouvindo todas as atividades sendo levadas a cabo do alto do palco (um sentido vertical que destoava de todo trajeto horizontal do movimento). Ouvir, cantar e aplaudir ao ritmo

³⁵ A praça está envolta pelos prédios que comportam os três poderes do estado do Rio Grande do Sul.

dos oradores que detinham a exclusividade do microfone e protagonismo, aproximava o evento à um comício ou espetáculo (p.102).

As *tensões e conflitos em torno dos modos de protesto* Muhale (2014), relatadas durante o ano de 2013, se apresentaram também no ano de 2014. Dessa vez tendo consequências que, de certa forma, ocasionaram um refluxo nos movimentos de contestação organizados em Porto Alegre justamente no ano em que se realizaria o megaevento que impulsionou demandas muito presentes nas reivindicações do Bloco de Lutas.

No protesto marcado para o dia 18 de junho de 2014, os manifestantes presentes, por estarem em pequena quantidade, foram impedidos pela polícia de sair do local onde ficaram concentrados. No dia anterior, teria sido anunciado pelos partidos PSOL e PSTU que ambos não participariam do ato. Uma matéria publicada por um jornal de Porto Alegre dizia que os militantes dos partidos que integravam o Bloco não estavam de acordo com algumas das medidas - como marchar até o estádio Beira-Rio - tomadas pelo restante do grupo e que, em função disso, estavam deixando de participar das manifestações promovidas. O jornal também cita a reprovação do grupo contra ações de depredações promovidas pelos Black Blocs, a cisão ocorrida no dia 15 de junho e a opinião dos demais integrantes do Bloco que afirmavam que esse afastamento se daria pelo motivo da proximidade das eleições no país³⁶.

No dia 23 de junho, dia de jogo da seleção brasileira contra o time de Camarões, outro ato organizado pelo Bloco de Lutas contava com a presença de um número reduzido de pessoas. Sem o comparecimento de coletivos como *Juntos*, ligados ao Psol e partidos como o PSTU, assim como a ausência da banda musical que costumava embalar as canções, a marcha por diversos momentos permaneceu silenciosa. Com um intenso acompanhamento da BM, o protesto seguiu até a Largo da Epatur para ser dispersado no local.

Além das marchas organizadas pelo Bloco de Lutas, outras modalidades de contestação foram articuladas durante a realização da Copa em Porto Alegre, entre elas um evento de caráter político-cultural de ocupação do espaço público alinhado com um acontecimento crítico à elitização dos estádios e a repercussão que festas organizadas pela FIFA, mas que estão direcionadas para determinado público, vem tendo na realização das Copas. O próximo tópico objetiva através do acompanhamento no evento político-cultural *Fan Protest* pensar a dinâmica das ações de contestação durante a Copa que se diferem das marchas, bem como a diferença que se estabelece entre os dois acontecimentos, o promovido

³⁶ Matéria feita pelo jornal Diário Gaúcho sobre a saída dos partidos do Bloco de Lutas pelo Transporte Público: <http://diariogaucho.clicrbs.com.br/rs/noticia/2014/06/militantes-do-pstu-e-psol-nao-irao-a-protesto-do-bloco-de-luta-nesta-quarta-4529147.html> (acessada em 18/06/2014)

pelo Coletivo *Kopa pra Quem?* e o outro promovido pela Prefeitura de Porto Alegre e pela FIFA.

3.5 Da FIFA Fan Fest à FOFA Fan Protest

Os festivais promovidas pela FIFA³⁷ e pelos Comitês Organização Local (COLs), chamados de Fifa Fan Fests, introduziram uma nova configuração de assistir e vivenciar os jogos realizados durante as Copas do Mundo. A transmissão dos jogos por um telão oferecido pela FIFA e as festas promovidas pelos anfitriões locais, segundo Borges (2013) precisam ser enquadradas não somente aos eventos-satélites de megaeventos, mas também são reflexos do processo de higienização e controle dos estádios (p.202).

Criado durante a Copa do Mundo na Alemanha, em 2006, as Fan Fests contam com patrocínios de grandes empresas, além de seguirem algumas características comuns, qualquer que seja o país que as realize. Segundo Borges (2013), entre as principais medidas estão a entrada gratuita, a transmissão dos jogos ao vivo e a reprodução da atmosfera de um estádio de futebol por parte dos espaços onde ocorrem as festas.

Em Porto Alegre a Fifa Fan Fest foi realizada no Anfiteatro Pôr-do-Sol, localizado a aproximadamente 2,5 km do Estádio Beira-Rio, sede dos jogos da Copa na capital. O evento contou com shows de artistas locais, comercialização de bebidas e comidas e promoveu a integração entre a comunidade local e muitos turistas que não tinham ingresso para assistir aos jogos.

O trabalho de campo durante a realização da Copa do Mundo em Porto Alegre apresentou algumas dinâmicas importantes para pensar a realização do próprio evento na capital. As manifestações, na sua maioria, eram organizadas no período da manhã, e os jogos das seleções, por sua vez, marcados para o turno da tarde. Essa disposição permitia o acompanhamento de toda a mobilização por parte dos torcedores que, ou se deslocavam para o Estádio Beira-Rio, ou que se dirigiam à Fifa Fan Fest.

Realizar o trabalho de campo nas manifestações pela manhã e nos eventos da Fifa Fan Fest a tarde tornava-se algo cansativo, mas também me permitia enxergar as discrepâncias entre as duas ações. A principal diferença dizia respeito ao perfil das pessoas que compunham os dois eventos. Pessoas vestidas em verde e amarelo, na sua maioria branca e jovem, o que refletia o público presente nas grandes arenas e estádios durante os jogos, mostravam-se

³⁷ Fédération Internationale de Football Association.

extasiadas com a entrada da seleção brasileira que jogaria contra a seleção de Camarões. Porém a imagem de outros jovens contrários à segmentação proporcionada pela elitização dos estádios e do evento Copa, que na manhã do mesmo dia foram atacados com balas de borracha, pela mesma polícia que agora fazia a proteção do evento no qual presenciava não saía da cabeça. Essas contradições foram observadas também por Lopes (2014) ao redigir um relato sobre os deslocamentos para os jogos da Copa na cidade de São Paulo. Segundo ela, a experiência de observar os deslocamentos durante a abertura da Copa na cidade de São Paulo proporcionou a identificação de contradições, conflitos e formas de sociabilidades não cotidianas (p.10).

Tanto a celebração no estádio Beira-Rio, com os jogos das seleções, quanto as festas organizadas pela Prefeitura e pela FIFA, nos lugares escolhidos, estavam deixando de fora uma grande parcela de pessoas da cidade. Principalmente os que não poderiam arcar com o valor dos ingressos ou que não se sentiram à vontade em participar das Fan Fests. O Coletivo em Defesa Pública da Alegria juntamente com um grupo criado especialmente no período da Copa *Kopa pra Quem?* resolveram criar um evento de contestação e ocupação do espaço público que visava direcionar uma crítica aos acontecimentos elitizados “tirando sarro” destes e fazendo uma espécie de paródia que mesclava os jogos nos estádios com as festas das Fan Fests.



Figura 10: FIFA Fan Fest jogo entre Holanda e Austrália (Fonte: Anselmo Cunha/PMPA)



Figura 11: “FOFA Fan Protest” partida de futebol em protesto à elitização dos estádios
(Fonte: acervo pessoal)



Figura 12: “FIFA GO HOME” futebol popular no Fan Protest
(Fonte: acervo pessoal)

Depois de ser adiado inúmeras vezes, por conta de chuvas em Porto Alegre, o evento político-cultural Fan Protest realizou-se no dia 24 de junho. Organizado pelo grupo *Kopa pra Quem?* e marcado para acontecer na ponte de pedra dos Açorianos, a ação começou com a *performance* do grupo de teatro em Ação Direta Cambada Levanta Favela com a peça de rua renomeada para *Futebol nossa paixão: pra falar sobre política, futebol e religião*, que faz uma crítica ao uso do futebol como alienação para o povo. Após a encenação, o cenário do evento começa a ser organizado. Um campo de futebol improvisado com fitas cor laranja delimitando a área do campo, miniaturas de goleiras com fotos do Fuleco e balões. Faixas e cartazes de repúdio a copa atrás do campo e um aparato de som para os shows que aconteceriam durante a noite também formavam o cenário. A previsão de chuva não intimidou as pessoas que começavam a chegar.

Dois palhaços animavam o jogo. Uma das palhaças era responsável por coordenar as partidas, portando cartões vermelho e amarelo com frases de “FORA FIFA”, enquanto o outro palhaço de pernas de pau narrava e comentava os jogos. Os times começaram a se formar, os de colete verde, o time “fora FIFA”, os de colete amarelo, “copa pra quem?” A torcida era composta pelos que circulavam em volta e os que permaneciam nos grupos conversando. O evento possuía um roteiro de acontecimento, mas as *performances* aconteciam casualmente, na medida em que iam agregando diferentes tipos de público.

O narrador que procurava comentar a partida imitando Galvão Bueno³⁸ singularizava o evento com muito humor. Com a entrada de turistas argentinos no campo improvisado, já que a data do evento antecedeu o jogo da seleção argentina em Porto Alegre, a partida torna-se mais engraçada. *Chega mais Hermanos* grita o narrador. A exibição do documentário, *A Copa que o mundo perdeu em Porto Alegre*, uma parceria entre o Comitê Popular da Copa, a ONG Amigos da Terra e o Coletivo Catarse, estreado na tarde da mesma terça, e a apresentação do Tatu Canastra³⁹ também fizeram parte das atrações da noite. Porém, quando as bandas se preparavam para começar suas apresentações, a chuva que tardou a chegar tomou conta do campo transformando-o em um lamaçal, e obrigando a todos se refugiar em marquises pelos prédios próximos. A festa continuou numa garagem improvisada em frente à Ponte.

³⁸ Galvão Bueno é um comentarista esportivo. Ficou conhecido no país por narrar as partidas mais importantes dos jogos da Seleção brasileira.

³⁹ Uma personagem que parodiava o tatu Fuleco, símbolo da Copa no Brasil, e que em suas apresentações fazia críticas à Copa do Mundo.

A imprevisibilidade deste evento, entre as tantas dinâmicas que apresentou, torna-o importante de ser relatado e registrado. O *Fan Protest* não se constituiu somente num evento de protesto que visava fazer uma paródia da Fan Fest, ele também agregou outros públicos que não costumam participar de ações de ocupações de espaços, como turistas e pessoas que passavam na rua e mostravam-se interessadas em participar e tirar fotos. Peirano (2002) destaca que é preciso reconhecer que esses eventos são, em parte, “sua própria causa”, têm elementos que o tornam imprevisível, uma surpresa, caso contrário não se trataria de um evento, mas somente da ativação de uma potencialidade, da mera atualização de uma causa, da realização de uma estrutura (PEIRANO, 2002).

Após realizar uma descrição e análise dos eventos ocorridos em 2014, é preciso ressaltar que, diferentemente dos protestos sucedidos em 2013, que despertaram o interesse para compreensão e a análise por parte de intelectuais e jornalistas, pouco se falou do ano de 2014. Considera-se aqui 2014 um ano de significativa importância para o cenário de contestação em Porto Alegre. De fato havia certa expectativa com relação ao início da Copa do Mundo no Brasil e a realização de protestos. Isso se refletia tanto por parte da mídia, das autoridades e principalmente dos grupos que articulavam as manifestações no Brasil. Efetivamente as manifestações de 2014 não atraíram tantas pessoas para as ruas se comparado aos eventos realizados com milhares de pessoas em 2013. O desejo de chamar atenção da imprensa nacional para problemas causados pelos impactos do megaevento não obteve resultados tão positivos quanto no ano anterior. E alguns fatores fizeram com que os protestos não tivessem o contingente de mobilização esperado. As manifestações durante a Copa aconteceram, apesar de não terem sido tão midiáticas como no ano anterior, mas o que se torna importante questionar é como e quais fatores contribuíram para que a contestação fosse perdendo espaço tanto nas ruas quanto nos meios de comunicação.

Agora não adianta mais protestar contra a Copa, ela já está acontecendo - frase proferida por uma senhora numa das marchas de 2014 demonstra a atitude do público que se apresentou, em sua grande maioria, completamente diferente do que acontecia no ano anterior. Moradores e cidadãos nas ruas em junho de 2013, ovacionavam, aplaudiam e acenavam para as marchas que tomavam as ruas da capital. Muitos fatores podem ser levados em consideração para pensar como o movimento de contestação à Copa que vinha desde 2013, mas que em 2014 possuía um foco maior na agenda das manifestações foi sendo desmobilizado e perdendo apoio com a aproximação e durante o megaevento. Chamar atenção para a mobilização, as características, assim como, atentar para como se desenvolveram as

manifestações e suas dinâmicas no ano em que se realizaria a Copa do Mundo no Brasil foi um dos objetivos sobre os quais este capítulo está debruçado.

4 O MOVIMENTO BRASIL LIVRE EM PERSPECTIVA – MANIFESTAÇÕES DE 2015

As *Jornadas de Junho* introduziram aspectos singulares na estrutura e ação dos grupos envolvidos. Entre elas a dimensão lúdica, variadas *performances* como as difundidas pelo grupo Black Bloc e a importância das redes sociais na internet para a mobilização e organização dos eventos. De nacionalismos à indignação, de desejos de protagonismo à visibilidade de pautas, os participantes compunham a grande marcha.

Silva (2014) salienta que quando se olha para os “bastidores” dos protestos de 2013 é possível assinalar a ação e articulação de organizações, redes e indivíduos com distintas posições políticas, sendo isso não somente uma característica de grupos de esquerda, mas também de parcelas pertencentes a uma posição de direita. Em 2013 essa articulação passou a ganhar notoriedade quando segmentos do empresariado começaram a divulgar suas interpretações sobre os protestos de junho inserindo no debate principalmente questões como *corrupção* no Governo Federal do Partido dos Trabalhadores culpabilizando a gestão do PT pelos problemas que o país enfrenta.

No final de 2014, precisamente logo após a reeleição da Presidente Dilma Rousseff, esse discurso do *mainstream econômico* (CATTANI, 2014) volta com veemência. Pequenos grupos saíram às ruas reivindicando algumas pautas, entre elas o *impeachment* da Presidente Dilma Rousseff. Em Porto Alegre o ato contou com aproximadamente mil pessoas segundo contagem da BM⁴⁰. Além do *impeachment*, dentre as pautas mais defendidas estavam o repúdio ao Partido dos Trabalhadores e a luta anticorrupção. Sobre a pauta da *corrupção* e suas faces Singer (2013) destaca que mobilizá-la como pauta é uma estratégia muito usada pela oposição. Esta proposta possui uma vantagem, pois tem capacidade de adentrar todas as camadas sociais porque é facilmente abraçada pelo senso comum.

Os atores que estavam por trás da organização destes protestos no final de 2014 continuaram se mobilizando, principalmente pela internet nas redes sociais. Alguns grupos de alcance nacional foram formados entre o final de 2014 e início de 2015, entre eles o *Revoltados Online*, *Vem pra rua Brasil* e *Movimento Brasil Livre*. No início de 2015 uma intensa mobilização de âmbito nacional começou a ser articulada pelos três grupos nas redes sociais. Estavam organizando uma mobilização prevista para acontecer no dia 15 de março nas principais capitais do Brasil.

⁴⁰ Manifestantes pedem impeachment de Dilma Rousseff em passeata. Disponível em: <http://www.correiopovo.com.br/Noticias/541383/Passeata-em-Porto-Alegre-pede-impeachment-de-Dilma>.

Em Porto Alegre o encontro foi articulado pelo *Movimento Brasil Livre RS* (MBL), principal grupo de atuação na organização dos movimentos na capital, marcado para concentrar-se no Parque Moinhos de Vento, localizado num bairro nobre da capital, com o mesmo nome do parque. Foram aproximadamente 8 mil participantes, de acordo com a Brigada Militar. Diversas *performances* aconteceram ao longo do evento, como a demonstração de cartazes em português e inglês, que expressavam palavras de indignação, desconfiança, alguns deles com conotações cômicas propagavam piadas com políticos, principalmente o ex-presidente Lula e a atual presidente Dilma Rousseff. Além disso, a reprodução de palavras de ordem e músicas acompanhavam a marcha até o Parque Farroupilha, localizado mais ao centro de Porto Alegre.

A partir da participação curiosa e despreziosa no primeiro evento organizado pelo MBL em Porto Alegre, muitas questões passaram a surgir. A marcha que se concentrara no Parcão partilhava muitas características dos atores individuais que adentraram os protestos em junho de 2013. As caras pintadas em verde e amarelo, as bandeiras do Brasil, as camisetas da seleção de futebol juntamente com a pluralidade de pautas expressadas nos cartazes imediatamente transportava para as manifestações de 2013. Muita coisa havia mudado e me interessava explorar as diferenças e semelhanças que esta cena em 2015 tinha com a das ruas do centro da capital em junho de 2013.

A investigação que proponho neste capítulo se dá a partir de movimento novo e atípico, composto, segundo pesquisas de alguns Institutos, por atores vindos de segmentos de elite e classe média alta. O que me disponho a compreender é, a partir da visão desses grupos, como se dá a contestação política, assim como as relações estabelecidas ao longo dessas dinâmicas de contestação. Seguindo o que foi proposto por Corrêa (2007) o objetivo consiste em entender como se desenha a contestação ao Governo brasileiro a partir da visão de atores da elite e classe média alta, pensando também, quais fatores e interesses estão por trás dela. Nesse sentido, o presente capítulo objetiva explorar os movimentos de protesto que aconteceram ao longo de 2015, entendendo-os também como parte dos movimentos contemporâneos na cidade de Porto Alegre. Serão exploradas questões que foram surgindo no decorrer da participação e envolvimento com alguns integrantes de um dos grupos que articulou os protestos do MBL na capital, bem como pesquisas anteriores nos anos de 2013 e 2014. Entre as questões estão as escolhas e dinâmicas do movimento pelo espaço urbano, que se diferencia muito do habitual adotado pelos “grupos de esquerda”, a apropriação de alguns elementos das *Jornadas de Junho*, principalmente de repertórios musicais e de cartazes,

pensando como se dá essa apropriação. Além disso, será explorado o perfil dos manifestantes e algumas das narrativas presentes nos protestos *anti-dilma*⁴¹. Essas questões auxiliarão na compreensão de como esses novos movimentos se configuram e quais suas dinâmicas no contexto de Porto Alegre.

4.1 As dinâmicas no espaço urbano de Porto Alegre a partir das marchas do Movimento Brasil Livre RS

Três manifestações organizadas pelo Movimento Brasil Livre RS foram realizadas em Porto Alegre. A primeira no dia 15 de março, outra no dia 12 de abril e uma terceira no dia 16 de agosto. Todas elas apresentavam a mesma configuração, mesmo lugar de concentração e roteiro de deslocamento. Fatores como, local, dia e hora escolhidos para a realização do evento tornam-se aspectos singulares presentes nos três protestos.

O local, Parque Moinhos de Vento, localizado no bairro Moinhos de Vento (Parcão), um dos mais nobres da capital, foi uma escolha atípica. Em Porto Alegre a maioria dos protestos realizados costuma estar concentrado na região central da cidade, principalmente em frente ao Paço Municipal e na Esquina Democrática. Esses são lugares que demarcam demandas, por exemplo a Prefeitura Municipal, quando a reivindicação está direcionada à gestão da Prefeitura. A causa maior do Movimento Brasil Livre e seus segmentos está voltada para um contexto mais amplo, o Governo Federal. O Parque Moinhos de Vento se tornou uma opção de concentração, pois é um local que muitos dos participantes conhecem e frequentam. A região central, onde ficam a Prefeitura, Esquina Democrática e Palácio do Governo, não se apresentam como opção, pois os atores envolvidos nessas ações de contestação não costumam frequentar o centro da capital. Há uma diferença entre os dois ambientes, com diferentes significados. O Centro é um local de trânsito heterogêneo e diverso, já o bairro Moinhos de Vento é um lugar de circulação de determinado perfil de pessoas, principalmente de classe média, classe média alta e elite. Além disso, os lugares escolhidos para concentração e dispersão da marcha são sempre parques e lugares de lazer. Como o Parcão e o Parque Farroupilha.

⁴¹ Os protestos organizados pelos segmentos de direita recebem várias nomenclaturas entre elas anti-dilma, contra PT, anti-corrupção, pelo Impeachment.



Figura 13: Protesto Movimento Brasil Livre 15 de março (Fonte: acervo pessoal)



Figura 14: "FORA DILMA" Movimento Brasil Livre RS 15 de março (Fonte: acervo pessoal)

Outro registro marca algo incomum na mobilização do dia 15 de março. O episódio ocorrido no local escolhido para a dispersão do primeiro protesto organizado pelo MBL em Porto Alegre, o Parque Farroupilha, em que foi possível assistir concretamente as discussões travadas nas redes sociais principalmente Facebook e Twitter, entre posições políticas não apenas divergentes, mas antagônicas.

A realização de um evento chamado “coxinha”⁴², organizado como forma de crítica por pessoas que eram contrárias as manifestações do Movimento Brasil Livre no dia 15 de março, contou com coxas de galinha assadas numa churrasqueira improvisada, próximo ao Monumento ao Expedicionário⁴³, e distribuídas para as pessoas que já se amontoavam em volta dos militantes, mesmo sem saber o porquê da distribuição. Quando a grande multidão verde e amarela chegou no local de finalização da marcha se deparou com militantes vestidos de vermelho distribuindo “coxinhas” assadas. Foram trocados insultos pelos dois grupos. Uma das senhoras presente na marcha, impaciente e indignada com o acontecido explanava *foi de propósito, foi de propósito, não podemos nem nos manifestar em paz*. Assim como ela, muitos participantes da marcha reclamavam da brincadeira. Mesmo com o ocorrido, a multidão se dispersou no parque.

As dinâmicas de locomoção adotadas pelo Movimento Brasil Livre nos protestos em Porto Alegre, como já ressaltado anteriormente mostram-se divergentes em relação aos demais eventos registrados até aqui. Ademais, a escolha da realização no final de semana, precisamente no domingo à tarde, segundo os organizadores para que “trabalhadores” pudessem participar, bem como o lugar de concentração, o percurso por ruas diferentes, a dispersão feita num parque, estão diretamente relacionados com o perfil dos atores e grupos que organizam as marchas.

Uma nova dinâmica de deslocamento de eventos de protesto em Porto Alegre surge com as manifestações anti-Dilma. O percurso seguido pela marcha, em ruas localizadas em bairros de classe média e elite, como o Moinhos de Vento, não é aleatório e nem decidido durante o evento, ele é antes disso pensado de acordo com o público que se deseja atingir e chamar atenção. Essa se torna uma diferença marcante entre os protestos de 2013 e 2015.

Além do deslocamento, outros elementos tornam-se importantes para se compreender as dinâmicas do movimento apresentado acima. Entre eles estão os *repertórios* e *performances*, o perfil e as narrativas dos atores envolvidos nas ações.

⁴² O termo “coxinha” foi apropriado tanto pelos manifestantes nas *Jornadas de Junho*, quanto pelos próprios participantes dos protestos a favor do impeachment que carregavam cartazes escritos “coxinha é melhor que enroladinho” ou “I Love coxinha”.

⁴³ Mais conhecido como Arco da Redenção.

4.2 *Repertórios e performances no MBL RS: criação ou imitação?*

Domingo, 15 de março, Parque Moinhos de Vento. Sensação de final de Copa do Mundo. Essa percepção se potencializava na medida em que eram notados inúmeros vendedores ambulantes que comercializavam os mais diversos produtos, entre eles bebidas, comidas, camisetas da seleção brasileira, balões, apitos, vuvuzelas e cartazes. Produtos que sobraram da trágica Copa no Brasil. Os presentes tomavam a Rua Mostardeiro formando um mar em verde e amarelo visível de longe. Ao longo da marcha foram identificadas séries variadas de *performances*. Algumas delas reproduzidas por um grupo através de músicas e percussões. Se o deslocamento pelas ruas da capital tornou-se peculiar nas marchas organizadas pelo movimento Brasil Livre, o mesmo não se pode afirmar sobre outros elementos como *repertórios*.

No início da rua, um carro de som com homens proferindo discursos contra o governo, contra o Partido dos Trabalhadores e alguns políticos. Em outro ponto, mais um carro de som com a banda responsável pela agitação do protesto, *La Banda Loka Liberal*⁴⁴. A presença da BM que acompanhou todo o trajeto fazendo segurança nas ruas no entorno ao Parque, lembrava uma “escolta” de proteção. Enquanto aguardávamos a autorização da BM para a saída da marcha, resolvi percorrer o caminho entre os participantes e tirar fotos dos cartazes.

A criatividade e a organização da marcha composta por cartazes, músicas e gritos de ordem eram os primeiros aspectos que chamavam atenção. Acompanhando a saída da marcha, seu trajeto até a chegada na Redenção pude perceber variadas *performances*, conflitos e sociabilidades, além disso, foi identificado o protagonismo do grupo que ocupava um dos carros de som e que executava as músicas durante a marcha.

⁴⁴ Grupo formado por jovens estudantes que visa criar e reproduzir músicas para as marchas.

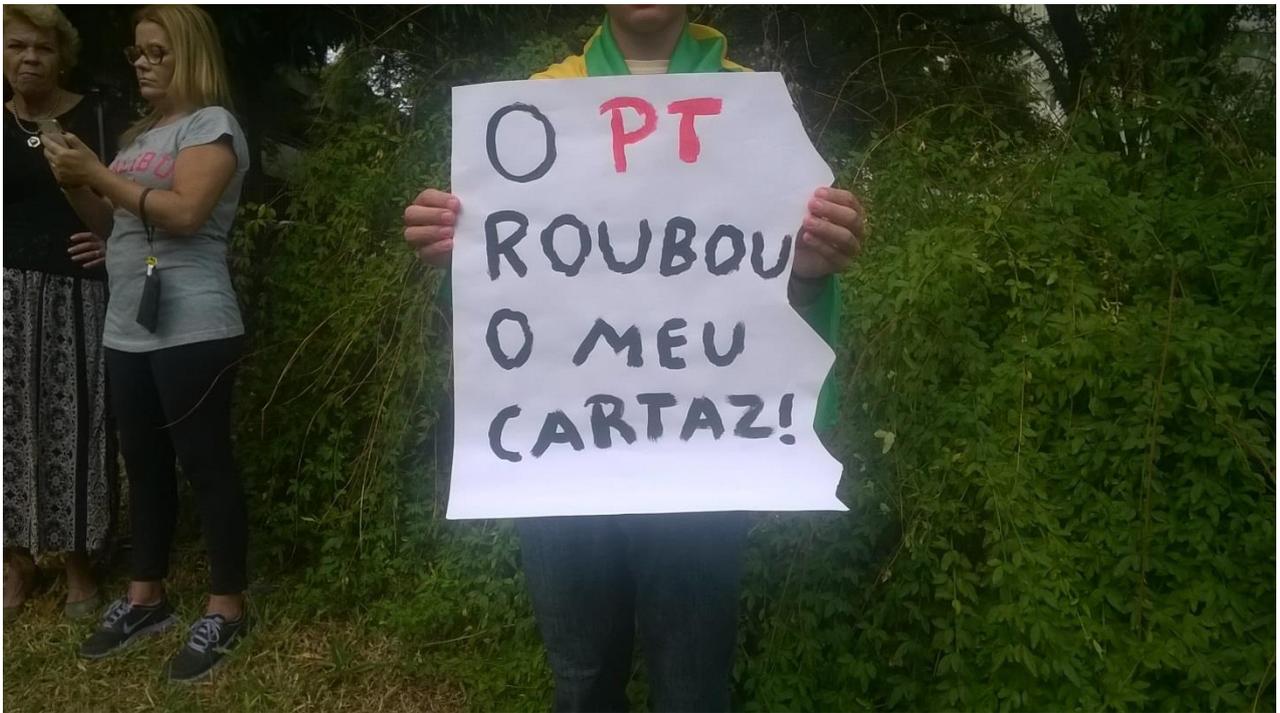


Figura 15: “O PT roubou o meu cartaz” na manifestação do dia 12 de abril (Fonte: acervo pessoal)



Figura 16: “A mentira tem perna curta, 9 dedos e língua presa” protesto 12 de abril (Fonte: acervo pessoal)

Em meio à pluralidade de faixas e de reivindicações havia aquelas que se destacavam justamente pela singularidade que unia criatividade, humor e jocosidade. Como o cartaz de um jovem de 18 anos que carregava somente um pedaço de cartolina escrito *o PT roubou meu cartaz*. Outros que eram mais comuns e se repetiam com frequência como *Dilma sabia, impeachment e Fora Dilma e leve o PT com você*. Havia faixas com frases expressando moralidades como *Dilma Lula e PT os brasileiros não suportam mais tantas mentiras, falta de ética, corrupção e desrespeito ao cidadão; FORA DILMA e Libertem-se do lixo atômico. Faxina ética e moral*. Além disso, foi possível identificar cartazes que expressavam descrédito em outros partidos, *Onde fomos parar? O partido mais corrupto do Brasil (PT), a oposição mais molenga do Brasil (PSDB); O partido que protege o PT para manter seus esquemas de corrupção (PMDB). Algo tem que mudar, vem pra rua!*. Por fim, as que visavam jogar com a figura de alguns políticos carregando um aspecto cômico e jocoso, *A mentira tem perna curta, 9 dedos e língua presa* e a figura de um suposto monstro de várias cabeças com as fotos de políticos entre eles Lula e Dilma *unidos somos Hércules venceremos esse monstro*.

Além do mais, contrariando expectativas de alguns críticos, a manifestação dos conservadores, como estavam sendo chamados, não tinha nada de silenciosa. Em cima de um caminhão de som, disponibilizado pelo MBL, uma banda cantava, tocava e puxava os gritos de ordem. As palavras proferidas pelos manifestantes nos carros de som e acompanhadas pela multidão eram as mais diversas. *Eu vim de graça*, gritavam os participantes, fazendo referência aos manifestantes que argumentaram ter recebido dinheiro e comida em troca da presença nas manifestações a favor do PT; *Lula cachaceiro devolve meu dinheiro* e a mais usada *Fora PT*. As músicas criadas e reproduzidas pela *La Banda Loka Liberal*, responsável pela agitação do protesto, também eram cantadas pelos manifestantes que acompanhavam a marcha.

As canções com ritmos muito conhecidos, letras criativas e na sua maioria jocosas denunciavam inspirações em outros movimentos sociais, como por exemplo, os atos organizados pelo Bloco de Lutas. Entre as músicas *Olê olê olê estamos na rua pra derrubar o PT. Fora petista bolivariano a roubalheira do PT está acabando, sua conduta é imoral fere os princípios da CF [Constituição Federal] nacional*⁴⁵ e com ritmos de torcidas organizadas de times de Porto Alegre, como Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (Grêmio) e Sport Clube Internacional (Inter).

⁴⁵ A letra cantada durante os protestos organizados pelo Bloco de Lutas era: *Olê olê olê sociedade capitalista vai se foder com essa policia fascista, mais um aumento não vou pagar, mais um aumento e a cidade vai parar*.

Em entrevista, uma das participantes da Banda presente nos três protestos organizados pelo MBL, responsável pelas músicas e percussão, afirma que “as músicas e *performances* surgem bem ao natural”. *A galera se reúne e cria. A maioria são músicas das torcidas de futebol. De vez em quando alguém manda pelo Whatsapp uma música nova. Acho que não tem um método muito definido.* As letras, de fato são criativas e inovadoras, até porque a crítica feita a gestão do PT por parte de coletivos que se reivindicam mais à esquerda não é propagada em suas letras da mesma forma com que os segmentos de direita concebem as suas. A influência dos protestos contemporâneos articulados por grupos de esquerda surge como uma alternativa, já que há muito tempo, não havia organização e participação nas ruas por parte de grupos de camadas da elite e classe média alta.

4.3 Quem são e o que dizem? - o perfil e as narrativas por trás da articulação do MBL em Porto Alegre

As proporções alcançadas pelo primeiro evento nacional organizado pelo MBL no dia 15 de março de 2015, a cobertura midiática e o grande número de participantes nas ruas, levou os organizadores a agendar outro ato nacional para o dia 12 de abril. Em Porto Alegre, segundo informações da Briga Militar, estavam presentes aproximadamente 8 mil pessoas. Nesse segundo momento, os mediadores do protesto aparentavam preocupação com o número reduzido de participantes. Para isso investiram na divulgação do ato. Aqui na capital, durante a semana e principalmente no domingo pela manhã, dia em que estava previsto o evento, carros de som, distribuição de panfletos e até helicópteros com propagandas foram utilizados como meios para chamar a população.

Na manhã de 12 de abril, os protestos começaram cedo em outras cidades, principalmente Brasília, Rio de Janeiro, São Paulo e Belo Horizonte. Os telejornais, Facebook e Twitter já estavam tumultuados de informações e discussões. Entre as informações, o número de participantes que em todas as cidades havia diminuído notadamente. A preocupação com o esvaziamento dos protestos em outras cidades e a previsão climática de chuva para a hora da concentração deixou os manifestantes aflitos nas redes sociais. No entanto, a informação passada era de que haveria protesto com ou sem chuva.

Investigações a cerca do perfil dos manifestantes foram realizadas em várias capitais pelo Brasil. Em Porto Alegre, os Institutos Index⁴⁶ e Amostra⁴⁷ foram às ruas da capital para

⁴⁶ Instituto de pesquisa de opinião pública, criado em 1992. Página da empresa disponível em:

entrevistar os participantes. As pesquisas desenvolvidas pelos órgãos renderam uma matéria na versão online do Jornal Zero Hora com a chamada, *perfil dos manifestantes em Porto Alegre*⁴⁸. Procurando buscar maiores detalhes sobre as pesquisas, como metodologia e outras informações, nada foi encontrado. Aparentemente só os meios de comunicação que redigiram matérias sobre o trabalho desenvolvido nos protestos do dia 15 de março tiveram acesso a informações mais detalhadas.

Contudo, apesar das informações inacessíveis muitos dos dados apresentados pelo Jornal Zero Hora confirmavam as impressões em campo. Entre elas o número equilibrado de homens e mulheres. Segundo o instituto Index, que entrevistou 766 pessoas, 51,2% delas eram homens, enquanto 48,8% eram mulheres. Além disso, o número de jovens e jovens adultos entre 25 e 44 anos correspondia a maioria dos presentes, 42,3%. O perfil socioeconômico dos manifestantes também se torna importante para pensar o caráter do próprio movimento. Segundo o Instituto Amostra 28% dos presentes recebem entre 6 e 10 salários mínimos e 37,1% ganham mais de 10 salários mínimos. O perfil apresentado pelas pesquisas acima está em sintonia como o que foi apresentado em outras capitais, como em Belo Horizonte em pesquisa realizada pela UFMG⁴⁹, bem como com os discursos e perfis constatados ao longo da pesquisa aqui apresentada.

<http://www.institutoindex.com.br/?id=1> (acessado em 20/11/2015).

⁴⁷ Instituto de pesquisa de opinião pública. Página da empresa encontra-se fora do ar. Disponível em:

<http://institutoamostra.wix.com/instituto-amostra#!noticias/cg7g> (acessado em 20/11/2015).

⁴⁸ A matéria publicada está disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/noticia/2015/03/institutos-de-pesquisa-fazem-levantamentos-sobre-o-perfil-dos-manifestantes-em-porto-alegre-4719348.html> (acessado em 20/11/2015).

⁴⁹ Disponível em: <http://www.pragmatismopolitico.com.br/2015/08/pesquisa-da-ufmg-traca-perfil-dos-manifestantes-de-16-Fde-agosto.html>. (acessado em 20/10/2015).



Figura 17: Caminhão de som com a “Banda Loka Liberal” (Fonte: acervo pessoal)

Após a primeira inserção no campo em que se vivenciou a *experiência etnográfica de primeira impressão* (MAGNANI, 2009) se pode acompanhar o segundo evento organizado pelo grupo e identificar a atuação de um núcleo localizado que cantava e tocava músicas ao longo do protesto e que parecia ter um potente protagonismo nas marchas. Com essa *experiência reveladora* (MAGNANI, 2009), se observou a importância da atuação da *Banda Loka Liberal* nos protestos. Pesquisando sobre o grupo, foi encontrada uma página movimentada pela Banda no Facebook. Nessa plataforma tornou-se clara a articulação de outros protestos que não faziam parte do Movimento Brasil Livre, como o realizado em frente a residência de Dilma Rousseff em Porto Alegre.

Buscando entender qual era a relação da Banda com o MBL e com o olhar direcionado para as *performances*, a aproximação com o grupo era algo fundamental. O contato foi um pouco difícil, primeiramente houve a tentativa de contato via redes sociais, eles se mostraram interessados e à disposição, porém não retornavam as mensagens, e isso se dava porque a plataforma era utilizada por vários participantes. Na segunda tentativa de aproximação, foi possível conversar com uma interlocutora que se mostrou prestativa e interessada na pesquisa. Conseguimos ter uma breve conversa em que fora realizada uma entrevista.

Com o contato mais aproximado, algumas características foram identificadas, com relação a natureza do grupo e os *bastidores* de organização das mobilizações em Porto Alegre. Uma interlocutora, estudante de Publicidade e Propaganda, falou um pouco sobre o surgimento da Banda, afirmando ter surgido como uma ideia experimental.

A Banda é muito recente e a ideia ainda não era ser um movimento político tão organizado com pautas bem definidas. O objetivo na verdade é influenciar as pessoas trazendo um pouco das ideias liberais que elas desconhecem, enxergam apenas pela visão da esquerda, tentando mostrar porque o capitalismo dá certo e as ideias socialistas sempre acabam não trazendo a mesma prosperidade. Entendemos que nesse momento o mais urgente é conseguir retirar os partidos que acabaram tomando conta do Estado, e que são liderados pelo PT. Enxergamos no modelo petista um risco para a democracia e para a liberdade de expressão. [Marcelli, 24 anos, estudante]⁵⁰

A partir do discurso da integrante da Banda é possível identificar a visão política do grupo que compõe a Banda, um dos objetivos é *levar às ideias liberais* as pessoas. Além do mais, ela também afirma ter passado a se interessar por política a partir de 2013 com as *Jornadas de Junho*, pois nunca havia se envolvido anteriormente. Mas a partir das manifestações em junho de 2013 passou a se interessar e perceber que precisava conhecer e estudar mais sobre política. Assim, teve contato com o que chama de *ideias liberais*, vendo nessa perspectiva um caminho a ser seguido para tornar-se mais crítica com relação a atual política no país.

Outro dado importante que apareceu na conversa com Marcelli foi de que a Banda era composta por pessoas vindas de um grupo de empreendedores que costuma se reunir para debater *ideas do liberalismo*, deixando claro também o envolvimento dos participantes com outras atividades políticas. Segundo ela, a Banda se constitui um movimento a parte do organizado pelo Brasil Livre. Porém, Marcelli ressalta a importância e envolvimento na articulação e realização dos eventos de protesto em Porto Alegre. Assim:

Nós apoiamos o Movimento Brasil Livre na medida em que quando eles marcam algum ato ou manifestação de rua, agimos como mobilizadores e motivadores divulgando e indo pra rua conversar com a população sobre os eventos que eles marcam. Acho que um pouco do que aconteceu nas últimas manifestações tem o dedo da Banda, pois trabalhamos muito duro para avisar Porto Alegre que essas manifestações aconteceriam e qual eram as suas pautas. Também ajudamos a levar um clima mais descontraído e criativo para a passeata, por isso mesmo o pessoal do MBL nos pediu para subirmos e usarmos um dos caminhões de som deles.

De fato coexistem várias camadas discursivas entre os atores que participam das ações promovidas pelo MBL. Entre as mais propagadas estão *intervenção militar*, *volta da ditadura militar* e *impeachment* da presidente Dilma Rousseff. Mas o que torna importante ressaltar é que desde os protestos de Junho de 2013, um discurso liberal-neoliberal começou a ganhar força nos meios de comunicação principalmente mídias hegemônicas e internet. Cattani (2014) salienta que em 2013 o mantra liberal “chega de tanto imposto” também foi associado

⁵⁰ Apesar do consentimento da interlocutora em divulgar seu nome, preferi optar por um nome fictício.

aos protestos, assim os “slogans gritados nas ruas foram recuperados para referendar proposições estreitamente empresariais” (p.58).

É visível a crescente participação política nas ruas do Brasil nos últimos três anos. As ruas das principais cidades tornaram-se arenas de debate e reivindicações plurais. Muitos atores que não faziam parte de movimentações políticas passaram a sentir-se obrigados a defender seus objetivos, principalmente na reivindicação do uso dos espaços públicos e recentemente com os movimentos a favor do *impeachment*. É importante chamar atenção para o espaço que os novos atores, sobretudo de segmentos conservadores e do empresariado, estão reivindicando tanto na política quanto na cidade. Como se apropriam de elementos e *repertórios* de contestação antes usados por coletivos de esquerda e o mais importante a reivindicação de um espaço de fala de um grupo que há algum tempo não faz parte da cena política de contestação no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Trabalhar com movimentos sociais contemporâneos em Porto Alegre, assim como buscar compreender as renovações nas ações coletivas no período de três anos, sobretudo nos *repertórios* e *performances* apresentou-se como um desafio. A observação participante nos eventos organizados pelos grupos que se objetivou pesquisar, bem como, nos *bastidores* de organização, proporcionaram a percepção de elementos e narrativas diversos. No decorrer da pesquisa, a organização de outros movimentos, os *repertórios* e as *performances* tornaram-se significativos na medida em que foram sendo apropriados pelos grupos de contestação que surgiram recentemente em Porto Alegre. Um dos objetivos foi mostrar como ao longo de três anos elementos de *repertórios* e *performances* foram sendo apropriados e desenvolvidos, impulsionando assim, outras modalidades de protesto e reivindicações.

As mudanças expressas nos movimentos sociais e/ou políticos em Porto Alegre, tais como na configuração e nas formas de ação, fazem com que distintos atores, de certa forma, experienciem viver a política e a militância, como nos casos das *Jornadas de Junho* e nos protestos organizados pelo Movimento Brasil Livre. A articulação das manifestações protagonizadas pelo Bloco de Lutas e a configuração do grupo, entre elas a não representatividade de uma liderança, a horizontalidade entre os participantes, a ação direta, foram elementos apropriados da onda de movimentos internacionais que aconteceram em 2011 – como a *Primavera Árabe*, os *indignados anticapitalistas europeus*, o *movimento estudantil chileno* e a *ocupação de Wall Street*. Já as *Jornadas de Junho*, exerceram influências nas dinâmicas de outros movimentos, principalmente em aspectos lúdicos, criativos, relacionadas às *performances* e até em expressões individuais. Ao mesmo tempo as pautas defendidas pelo Bloco de Lutas antes e mesmo durante as *Jornadas de Junho* acabaram sendo diluídas em meio à pluralidade de demandas e à dificuldade de diálogo com outros movimentos.

Apesar do pouco entusiasmo nas ruas com a proximidade da Copa e as altas expectativas dos movimentos de contestação em Porto Alegre, o ano de 2014 expressou nítidas mudanças com relação a 2013. As salvas de palmas que eram dirigidas aos protestos nas *Jornadas de Junho*, transformaram-se em vaias, xingamentos e agressões. Além das divergências internas - e talvez em razão delas – e da dificuldade de dialogar com as alteridades, fizeram com que o Bloco perdesse a capacidade de mobilização. Também contribuiu para o refluxo dos protestos: a perda de apoio por parte da população, o

desinteresse da grande mídia, a atuação governamental, o aumento do aparato policial, entre outros.

Nessa linha, no final de 2014 e início de 2015 surge um movimento novo e atípico que havia feito parte das *Jornadas de Junho* em 2013, com perfil conservador, ideias liberais e de direita. Este grupo se apropria de certos repertórios, como os deslocamentos pela cidade, mas os conforma de modo conveniente, de acordo com o perfil de público e a modalidade de demanda. Os protestos de rua organizados pelo MBL cujo público é majoritariamente de classe média e média alta não ocorreram na região central da cidade, notadamente frequentada por populares nos dias úteis e praticamente deserta aos finais de semana. Eles partiam do Parque Moinhos de Ventos, contornado por bairros nobres, e se dirigiam ao Parque da Redenção, uma espécie de referência da cidade de Porto Alegre. De mais a mais, os deslocamentos foram realizados aos domingos – depois do almoço em família –, tinham cores nacionais, criticavam a corrupção no governo e a associavam à gestão petista.

Apesar da singularidade do deslocamento dos protestos organizados pelo Movimento Brasil Livre, os *repertórios* e as *performances* possuem poucos elementos originais. Que muitos dos elementos constituintes dos *repertórios* de ação coletiva de determinados movimentos, como por exemplo, o Bloco de Lutas aqui já discutido, são importados, apropriados e ressignificados de outros movimentos sociais já se sabe. Que eles sofrem inovações e mudanças criativas dependendo do contexto em que está sendo aplicado também. Mas o importante a salientar é que eles podem ser apropriados por diferentes atores nos mais distintos contextos. Como por exemplo, por grupos que não possuem experiência com manifestações nas ruas, como é o caso do MBL.

A impressão que se tem, para quem acompanhou protestos realizados pelos dois grupos na capital, Bloco de Lutas e MBL, é de que este último tem forte inspiração nas letras, ritmos e *performances* difundidas nos últimos três anos na capital, mas especialmente durante as *Jornadas de Junho* pelos coletivos de esquerda. Essa influência adquirida dos protestos contemporâneos articulados por grupos de esquerda se dá como uma alternativa, já que há muito tempo não se tinha registro de organização e participação nas ruas por parte de grupos de camadas da elite e classe média alta.

Por fim, os protestos e movimentos aqui registrados se diferenciam dos movimentos sociais tradicionais. Principalmente no que diz respeito à organização, divulgação e táticas de ação. Mas além de se diferenciar dos movimentos sociais e das formas de protestar tradicionais, os movimentos aqui apresentados possuem diferenças significativas entre si. Isso

é evidenciado pela coexistência de diferentes discursos e posições nas *Jornadas de Junho*, no período em que foram sucedidas, mas também no momento em que atores vindos de elite e classe média alta decidem disputar o cenário dos protestos em Porto Alegre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, Angela. “As teorias dos Movimentos Sociais: um balanço do debate”. Lua Nova, São Paulo, 76: 49-86, 2009.

_____. “Repertório, segundo Charles Tilly: história de um conceito”. Sociologia&Antropologia, Rio de Janeiro, v.02, 03: 21-41, 2012.

ALVEZ, Giovanni. Ocupar Wall Street... e depois? In: *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo: Boitempo, p. 31-38, 2012.

ARAÚJO, Gabrielle. Dinâmicas da Ação Coletiva: uma etnografia sobre o processo de mobilização contestatório em torno da Copa do Mundo FIFA 2014 na cidade de Porto Alegre. Dissertação de mestrado. Porto Alegre, PPGS-UFRGS, 2011.

BORGES, Fernando. “O Papel da FIFA Fan Fest™ na Copa do Mundo da África do Sul”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano19, n.40, p.201-230, 2013.

CARNEIRO, Henrique Soares. Apresentação – Rebeliões e ocupações de 2011. In: *Occupy: movimentos de protesto que tomaram as ruas*. São Paulo, Boitempo, p. 7-14, 2012.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2013.

CATTANI, Antonio David. O significado dos protestos urbanos segundo o mainstream econômico. In: CATTANI, Antonio David [org.]. *#Protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre, Tomo Editorias, 53-61, 2014.

CORRÊA, Jessica Sklair. Relações de segregação: novas práticas filantrópicas entre a elite paulistana. Tese de Doutorado. São Paulo, Departamento de Antropologia USP, 2007.

DALPIAN, Paulo Roberto. Um carro a menos: a contra-hegemonia e a resistência ao consumo. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Administração UFRGS, 2013.

DAMO, Arlei Sander. A Copa das Manifestações. In: CATTANI, Antonio David [org.]. *#Protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre, Tomo Editorias, 21-30, 2014.

_____. “Vai ter Copa no Brasil”. Novos Debates: Brasília, v.2, n.1, 2014.

DAMO, Arlei Sander; OLIVEN, Ruben George. *Megaeventos Esportivos no Brasil: um olhar antropológico*. Porto Alegre: Armazém do IPE, 2014.

DOWBOR, Monica; SZWAKO, José. “Respeitável Público... Performance e organização dos movimentos antes dos protestos de 2013”. Novos Estudos, São Paulo, 97: 43-55, 2013.

FAVRET-SAADA, Jeanne. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada”. Cadernos de campo, n.13: 155-161, 2005.

LOPES, Carolina Gontijo. “Relato sobre a Copa do Mundo: os deslocamentos pela cidade em dias de jogos”. Ponto Urbe [Online] 15, 2014.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. “Etnografia como prática”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n.32: 129-156, 2009.

MESOMO, Juliana. Cotidiano em suspenso: Remoção de populações e mobilização coletiva no contexto de duplicação da Avenida Tronco em Porto Alegre-RS. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Departamento de Antropologia Social UFRGS, 2014.

MUHALE, Miguel. Lutar, criar poder popular: uma perspectiva etnográfica do Bloco de lutas pelo transporte público em Porto Alegre/RS. Dissertação e Mestrado. Porto Alegre, Departamento de Antropologia Social UFRGS. 2014

PEIRANO, Mariza. *Análise antropológica de rituais*. In: PEIRANO, Mariza [org]. O Dito e o Feito: ensaio de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro, Relume Dumará/Núcleo de Antropologia da Política (UFRJ). Col. Antropologia da Política – 12, 2002.

RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira; SILVA, Marcelo Kunrath. “Repertórios de ação e socialização de jovens militantes: etnografia da performance política no Levante Popular da Juventude”. X Reunião de Antropologia do Mercosul. Curitiba, 2011.

SARAIVA, Adriana Coelho. Movimento Passe Livre e Black Blocs: quem são os novos atores que emergiram dos protestos de 2013. In: CATTANI, Antonio David [org.]. *#Protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre, Tomo Editorias, 41-51, 2014.

SEGARRA, Josep Juan. Paz entre nós, guerra aos senhores! Uma etnografia sobre o Bloco de Lutas pelo Transporte Público e a Ocupação da Câmara de Vereadores de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, Departamento de Antropologia UFRGS, 2015.

SILVA, Camila Farias. Dinâmicas da ação coletiva: as inovações nos repertórios de contestação nos eventos Defesa Pública da Alegria e Largo Vivo. Trabalho de Conclusão de Curso. Porto Alegre: Departamento de Sociologia UFRGS, 2013.

SILVA, Hélio. “A Situação Etnográfica: andar e ver”. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 15, n.32: 171-188, 2009.

SILVA, Marcelo Kunrath. #Vem pra rua: o ciclo de protestos de 2013 como expressão de um novo padrão de mobilização contestatória? In: CATTANI, Antonio David [org.]. *#Protestos: análises das ciências sociais*. Porto Alegre, Tomo Editorias, 9-19, 2014.

_____. “De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente”. Ciências Sociais Unisinos, São Leopoldo, 46(1): 2-9, 2010.

SILVA, Renata Signoretti. Formas contemporâneas de ativismo político: etnografia do movimento Massa Crítica. Trabalho de conclusão de curso. Porto Alegre, Departamento de Antropologia Social UFRGS, 2011.

SINGER, André. “Brasil, junho de 2013: classes e ideologias cruzadas”. *Novos Estudos*, São Paulo, 97: 23-40, 2013.

TAMBIAH, Stanley. “Conflito etnonacionalista e Violência coletiva no sul da Ásia”. *Revista brasileira de ciências sociais*. nº 34, vol.12., tradução Vera Pereira, Revisão Mariza Peirano, 1997

TARROW, Sidney. *Poder em movimento: movimentos sociais e confronto político*. Petrópolis: Vozes, 2009.

TILLY, Charles. “Movimentos sociais como política”. *Revista brasileira de Ciência Política*. nº 3, Brasília, 2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: notas para uma antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1987.

_____. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira [org]. *A aventura sociológica*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. p. 36-46.